

RECONHECERAM FILHO DO HOM 24 DEZEMBRO  
ANTONIO DOS SANTOS-HOSPITAL PSIQUIATRICO  
ALBERTO ROLINDO-NUCLEO ULISSE VIANA  
AL TAMIRIO ASSOBRAI-HOSPITAL PSIQUIATRIC  
ANISIO DE JESUS-NUCLEO ULISSE VIANA  
ABEL CARNEIRO-HOSPITAL PSIQUIATRI  
ASDRUBA DE MORAES-NUCLEO VIANA  
ADEMIR MARTINS-NUCLEO ULISSE VIA  
ANTONIO RAIMUNDO-HOSPITAL PSIQUIA  
ARISTIDES FIRMINO-HOSPITAL PSIQUIA  
AVELINO NORONHA-HOSPITAL PSIQUIA  
ARNALDO SIMÕES-HOSPITAL PSIQUIA  
ANTONIO FERREIRA-NUCLEO ULISSE  
ASTROGIDIO DOS SANTOS-  
AIGENOR ATAIDE-NUCLEO  
ARY DE SOUZA-  
ARY DE ABREU-  
ARTHUR

# revista mangues&letras

13 de junho 2020 - Número 14  
ISSN 2236 9570

clausura do vento





**PROIBIDA  
A  
ENTRADA  
SEM  
MÁSCARA**



Clausura do Vento

*“A escritura não tem outro objetivo: o vento”.*

*Deleuze*



## Conselho Editorial

Ana Paula Tavares (Portugal); Abdoul Savadogo (Burkina Faso); Alberto Mathe (Moçambique); Alexandre de Lia (RN); Amarino Queiroz (RN); Ana Claudia Gualberto Félix (PB); Ana Mafalda Leite (Portugal); André Monteiro (MG); André Teles (CE); Andrea Turolo (CE); Ângela de Souza (RN); Anória Oliveira (BA); Arlete Petry (RN); Auristela Rafael Lopes (CE); Carlos Emílio Correa Lima (CE); Carlos Braga (RN); Carlos Negreiros (RN); Carmen Secco (RJ); Conceição Flores (RN); Daniela Aragão (MG); Daniela Galdino (BA); Derivaldo dos Santos (RN); Dionísio Bahule (Moçambique); Elio Ferreira (PI); Enilce Albergaria (MG); Fábio Vieira (RN); Fátima Costa (PE); Fátima Souza (AM); Francys Silva (PB); Flávia Maia (PB); Flávia Rouca (AC); Hebe Macedo (CE); Henrique Eduardo de Sousa (RN); Hozanete Lima (RN); Humberto Hermenegildo (RN); Izabel Cristina Teixeira (CE); Izabel Nascimento (RN); João Paulo Pinto Có (Guiné-Bissau); José Luiz Ferreira (RN); Júlio Lima (CE); Jurema Oliveira (ES); Leo Lispector (RN); Luan Henrique (CE); Lucia Lucena (PB); Luíza Nóbrega (Portugal); Luciano Justino (PB); Luiz Valverde (BA); Luma Virgínia (RN); Malu B. (CE); Manuel Cástomo (Moçambique); Márcia Manir (MA); Márcio Barbosa (RN); Marcos Antônio Costa (RN); Marcos Falcheiro Falleiros (RN); Maria Aparecida de Matos (TO); Márcio de Lima Dantas (RN); Marta Aparecida Gonçalves (RN); Mauro Dunder (RN); Pauline Champagnat (França); Paulina Chiziane (Moçambique); Paulo Henrique Duque (RN); Renata Rolon (AM); Roland Walter (PE); Rosanne Araújo (RN); Rosilda Bezerra (PB); Sávio Roberto Fonseca (PB); Suely Sousa (RN); Tâmara Abreu (RN); Tânia Lima (RN); Thamise Cerqueira (RN); Thayane Moraes (RN); Valéria Dallegrave (CE); Vanessa Rimbau (PB); Vanessa Ribeiro (RJ); William Ferreira (Guiné-Bissau); Zuleide Duarte (PE).

## Expediente

Número 14

13 de junho de 2020

ISSN: 2236 9570

138 páginas

Editoras: Tânia Lima (RN), Fátima Costa (PE)

**Editores Adjuntos:** Carlos Emílio Correa Lima (CE); Valéria Dallegrave (CE); Elio Ferreira (PI); Alberto Mathe (Moçambique); Dionísio Bahule (Moçambique); Luma Virgínia (RN)

**Revisão:** Andréa Cristina Soares Costa; Auria Rafael, Thayane Moraes.

**Web Designer:** Thamise Cerqueira

**Imagem capa:** Bispo do Rosário.

**Arte final da capa:** Tânia Lima

**Contato - e-mail:** [manguesletras@gmail.com](mailto:manguesletras@gmail.com)



## Editorial - clausura do vento

*"Você é louco do lado de dentro ou do lado de fora?" (Nietzsche)*

O que é escrever sobre loucura? Onde anda a lucidez? Stela do Patrocínio disse: Um homem chamado cavalo é o meu nome. A poesia, o que é senão a porta da loucura, do limítrofe? Todos fingimos estar acordados, acordados nos acordos. Normalizados, normatizados, afff cansativo. Rsrtrs. Os poetas, melhor, as poetas, vivem nesse mundo de questionamento, indagações, prazeres secretos, a-temporais. Como um temporal, de shuva de vento. Quebrando cronologias, curvando a linha imaginária, normalizada também. A teoria literária também está aqui para mostrar que o tempo é só presente, o futuro, o passado são tempos presentes também [rsrs] e que loucura é tudo isso. Viva essa revista! Somos apenas "cavalos", como na umbanda, que recebemos e repassamos. Somos nuvens passageiras.

Das Editoras(es)





## ESCAFANDRO: UM PORTADOR DE ALMAS

*Estamos cansados de escalar de maneira errada*

AMANDA SHELPS

Gosto de quando ela escorre pelo corpo em alta temperatura. É como se água pudesse ser fogo e em vez de serem opostos fossem irmãos, ambos filhos do calor. É um queimar que cura caindo em minha nuca e parte se vai em forma de vapor. **Respiro.** Relaxo os ombros. Ar quente em meus pulmões. Meus pés molhados e enrugados. Paz...

Saio do banheiro e entro no quarto gelado. Não me enxuguei direito, o que faz com que a roupa grude no corpo. Não calço as botinas pois gosto de sentir a grama



úmida de orvalho na sola dos pés. Terminei todo o trabalho ontem, hoje tenho folga de obrigações tediosas.

O caseiro já ordenhou as cabras, as vacas e alimentou os porcos. Coloco um lençol e alguns suprimentos na capanga. Hoje, subirei aquela montanha. Sinto mesmo que hoje seja o dia ideal, o dia perfeito, como se tudo fosse possível, *tudo mesmo*.

O sol surge de trás das nuvens e me cumprimenta com seus raios de oito da manhã. “*Bom dia!*”, penso comigo. Às vezes consigo ouvir uma resposta, porém a manhã é muito calma e silenciosa. Todos os ruídos corroboram para uma profunda meditação, e estou prestes a começar a minha.

Despeço do caseiro e sigo em direção à Serra. Ela não tem nome, então para torná-la diferente faço questão de escrever com letra maiúscula. Trago poucas coisas na capanga para não pesar na subida, ando descalço para não machucar a terra. Os pés estão nus, alguém diria desprotegidos, eu diria conectados. As pessoas se esquecem de pisar com cuidado por onde passam. É compreensível. *Estão desesperadas e com pressa...*

À medida que o caminho se torna mais íngreme, mais devagar escalo. Tenho a lentidão de um louva-a-Deus. Certo momento me encontro numa pequena cascata. Ao lado dela há uma borboleta alaranjada, exibindo suas asas sem medo. Tento pegá-la, mas ela voa pela trilha, como que me pedindo para segui-la. Perco-a de vista. Lavo o rosto na cascata. Sua água está tão límpida que imagino estar perto da nascente. Lá embaixo, um rio corta



a fazenda. É engraçado como coisas tão pequenas tomam certas proporções. Ninguém daria nada por esse fio d'água...

Quando chego ao topo, o céu está no ápice do seu azul. O vento não é fraco bem forte, tenho que colocar pedras para segurar o lençol. A vista é perdidamente verde. Cruzo as pernas e fecho os olhos. Mesmo assim, no escuro, desenho com o tato a paisagem à minha frente e consigo enxergá-la nitidamente. Coloco as mãos abertas sobre as pernas. **Respiro fundo.** Hora do mergulho.

Nadar nesse mar de peito é compreender suas tempestades e calmarias. É uma mar de luz e obscuridade, um *chiaroscuro* da essência. Não fuja! Estamos aqui... estamos descansando essa alma exausta de trabalhos da fazenda e da pesquisa que ficou

no escritório. "Artrópodes dos Pampas". Uma coleção deles, categorizados em espécie e em ordem alfabética de seus nomes científicos.

Ei... esqueça o escritório. Esqueça a fazenda. Olhe para esse mar. Um mar de dentro. **Respire fundo.** O vento é uma mulher gentil que me beija e se vai no mesmo instante. Onde estou? Aqui. Que horas são? Agora. A que devo essa visita?

Abro os olhos e vejo minhas mãos. Em cada uma delas, uma borboleta com um par de asas alaranjadas.



Estamira é rio que faz barulho. Sarapó.

Estamira p-ar. Terra mãe.

Estamira par-ente. Estamar.

Estamira parê-nese. Im-paciente.

Estamira pa-rida. "Visível quando nasce".

Estamira parid-eira. Esposa do espaço.

Estamira par-alela. Estamira muitas.

Estamira particula-r. Molecular.

Estamira par-trans. Invisível.

Trans-par-ente, todo mundo e ninguém. Imperceptível.





Não preciso ter ambições.  
Só tem uma coisa que eu  
quero muito: que a humanidade viva  
unida...  
Negros e brancos todos juntos

Bob Marley





## O CONTRA-LEI [o retorno]

(o contra-lei fala do político corrupto, do racista, do machista, do homofóbico, do general, da usura, da fome, da guerra e doutras pragas q afligem a humanidade)

1

batecum TAMBOR tum TUM (bis)  
bate tem MARTELO tem TEM (bis)

eu não quero nem saber?  
eu só quero é viver  
eu não tenho  
eu não tenho nada  
eu não tenho NADA a ver?  
eu não tenho NADA a ver?  
com esta porra poRRa  
eu não tenho o q COMER  
cOMEr  
coMer  
não tenho o q COMER  
(comer comer pra poder crescer)

2

batecum TAMBOR tum TUM (bis)  
bate tem MARTELO tem TEM (bis)

eu não sou o presidente  
eu não sou o governador  
eu não sou o deputado

eu não sou o senador  
eu não sou o prefeito  
eu não sou o vereador  
eu não sou o ministro  
eu não sou o general  
eu não sou o empresário  
eu não sou ruralista  
eu não sou policial  
eu não sou madeireiro  
eu não sou miliciano  
eu não sou marginal  
eu não sou o fmi  
eu não sou o sangueSSuga  
suga o SANGUE o sangueSSuga  
sugaSuGaSUGA o sangueSSuga

eu sou negro  
da cor dos teus olhos negros, meu amor  
eu sou brasileiro  
eu sou professor

3

batecum TAMBOR tum TUM (bis)  
bate tem MARTELO tem TEM (bis)

eu não tenho grana  
não tenho o q comer  
COMER CoMer  
não tenho o q?



eu vou comer a tua mãe  
vou comer o teu pai  
vou comer a tua irmã  
vou comer o teu irmão  
vou comer a tua filha  
vou comer o teu filho  
vou COMER você  
não tenho o q comer  
vou virar um CANIBAL  
canibal           CANIBAL  
CaNiBaL CANIBAL  
CanibaL canibal pra comer você

E agora?

eu vou virar um canibal bem ordinário  
pra comer o Presidente  
(.....)  
complete o espaço em branco corretamente

canibal, canibal  
canibal, canibal

4

batecum tambor tumTUM (bis)  
bate tem martelo temTEM (bis)

meu amor  
quero ver o sol nascer a vida  
meu amor  
quero ver o sol se pôr

só por amor, meu amor

5

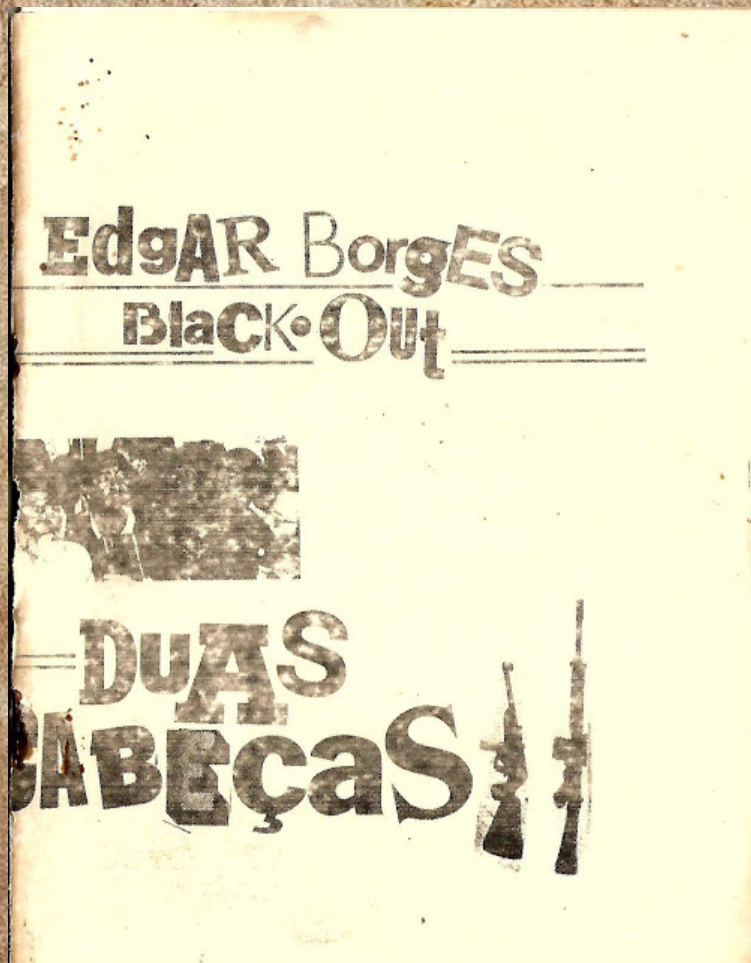
gonna fuck your mother  
gonna fuck your father  
gonna fuck your sister  
gonna fuck your brother  
gonna fuck your son  
gonna fuck your daughter  
gonna fuck you  
gonna fuck you  
canibal canibal canibal canibal  
pra comer você

batecum tambor tumTUM (bis)  
bate tem martelo temTEM (bis)

Elio Ferreira  
Teresina, O contra-lei, 1994  
o retorno, maio de 2020.

Elio Ferreira nasceu em Floriano, no Piauí. Publicou os livros de poesia: *Canto sem viola*, 1983; *Poemas de Nordeste*, 1983; *4 Poetas marginais*, (coautoria) 1983; *Poemartelos, o ciclo do ferro*, 1986; *O contra-lei*, 1984; *O contra-lei e outros poemas*, 1997; *América-negra*, 2004; *América negra e outros poemas afro-brasileiros*, 2014; *Alguns poemas*, 2019.





VERSO PASSAGEIRO

Caminha ali

aqui,,,

coisas de um povo...

passa, grita, sussurra

e nada de novo...

Está completo, vivido,

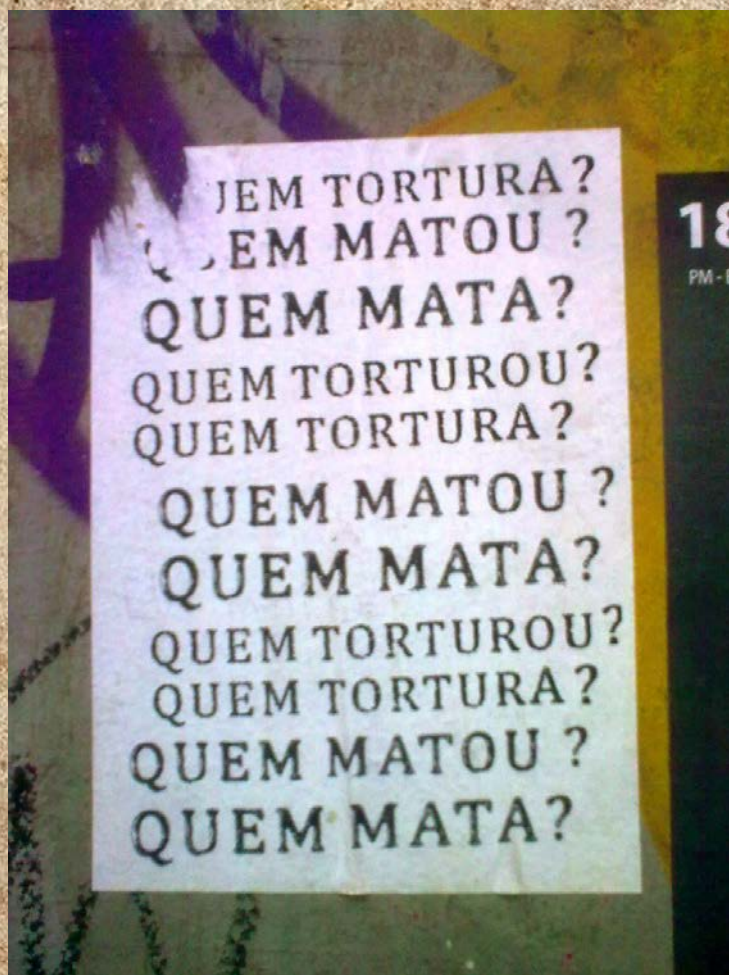
ou vivida a branca cor

de um poeta esquecido

nas avenidas

BLACKOUT





**“VAI ACHANDO QUE DITADURA  
É TIPO HORÁRIO DE VERÃO QUE  
TEM COMERCIAL AVISANDO A  
HORA QUE COMEÇA, VAI...”**



**EMICIDA**





Reprodução da internet - Foto divulgação



Foto: Bruno Kelly/Reuters (14.mai.2020)

Parem de nos matar





Reprodução da internet - Foto divulgação



- Morreu.
- Como ?
- Não pode respirar
- Covid?
- Rascimo.

[Carlinha Bassan]



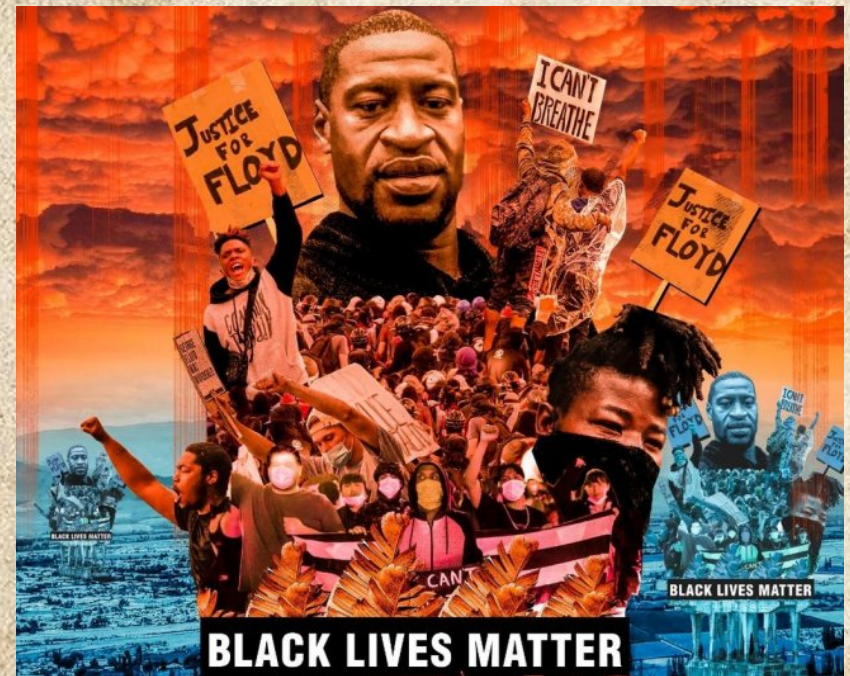


“I can't breathe”

Eu não fiz nada errado  
Por favor  
Por favor  
Por favor, não consigo respirar  
Por favor  
Por favor, alguém  
Por favor, senhor  
não consigo respirar  
não consigo respirar  
joelho no meu pescoço  
eu não posso me mover  
Mãe,  
Mãe,  
Eu não posso  
Meu pescoço dói  
Água, alguma coisa  
Por favor  
Por favor  
Oficial, eu não posso mais respirar

Não me mate  
Você vai me matar  
Não consigo mais respirar  
Eles vão me matar  
Não consigo mais respirar  
Por favor, não posso mais respirar

*Tradução: Marcos Falchero Falleiros*





Do prédio onde voam  
dólares fruto da corrupção, do tráfico e  
da riqueza da elite, voam também  
crianças de 5 anos negras.





## A INVISIBILIDADE DA MISÉRIA BRASILEIRA

A invisibilidade de Mirtes e Miguel, que vem à tona em decorrência de uma tragédia duplamente fatal, revela o abismo entre os homens, seus modos de existir e suas relações. É trágica pelo abismo revelado; fatal porque a criança foi abandonada à própria sorte (no caso, má sorte), pela adulta responsável, (no caso, uma mulher branca e capaz), e fatal sobretudo porque resulta de um processo secular de espoliação, sim, ESPOLIAÇÃO, (de ESPÓLIO, conjunto de coisas que são tomadas do inimigo numa guerra; pilhagem; roubo; o que sobra de uma pessoa quando ela morre), neste caso, o que sobra dos dois, mãe e filho? DOR, DOR, DOR, e a descoberta de que Mirtes é funcionária fantasma de uma prefeitura de cidade do interior, e que "seu" salário de cargo comissionado, que ela profundamente desconhece, certamente deve ser gasto em belas noites de encontros regados a vinho nos salões que a própria Mirtes, e outras tantas iguais a ela, limpam até a exaustão, enquanto seus filhos ficam em casa a chorar por elas. Dor por uma sociedade adoecida desde o núcleo, marcada a ferro por um processo escravocrata que condena parte de sua população à condição de sub-gente, expressa nas mais diversas formas de preconceitos que estruturam nosso tecido social e justifica o processo sádico de exploração, processo esse que traçou o destino fatal dos dois e tantos outros impossíveis de contar; uma sociedade em que patrões se aproveitam de crises reais ou inventadas, de pandemias ou pandemônios para tirar todo tipo de vantagem dos mais pobres, seja cortando salários que já são de fome, aumentando carga

horária de trabalho sob ameaça da perda dos míseros ganhos, e vendendo a preços europeus os produtos de tal exploração impedindo a esses o acesso; fatal porque as elites (que são várias), e que apenas trocam de pele, estão aí desde sempre, como os donos de tudo, e comandam, do alto de suas torres, o espetáculo grotesco da aniquilação dos ninguéns, “os filhos de ninguéns” que “valem menos que a bala que os mata”. Os bem-nascidos, para estes sim a pátria é generosa, dá-le leite, ouro e mel. E é também fatal porque a sociedade do espetáculo na qual estamos enredados, amanhã ou hoje mesmo, rapidamente fabricará novos espetáculos para desviar nossa atenção do fato brutal e sua gravidade. A situação abissal que ora se desenha a ferro na alma da família, tristemente em nós é comoção, e passará rápido dado ao “pouco” pertencimento da criança em nossa vida; amanhã estaremos preenchidos por outras preocupações e ocupações não tão graves, mas facilmente convivíveis neste campo desalmado que se chama sociedade. A mãe, a filha e o neto, que eram amados como se fossem da família, mas NEM eram da família e NEM amados, só eram COMO SE FOSSEM. Não eram UM dos iguais, eram os outros, os miúdos, os minúsculos, que só servem como mão de obra barata ou carreada de votos.

Fátima Costa



“Na Louisiana, mulheres negras foram ocadas em celas com prisioneiros do sexo masculino e algumas ficaram grávidas. Em 1848, os legisladores aprovaram uma nova lei declarando que todas as crianças nascidas na penitenciária de pais afro-americanos cumprindo sentenças de prisão perpétua seriam propriedade do Estado. As mulheres criavam as crianças até os dez anos de idade, quando a penitenciária colocava um anúncio no jornal. Trinta dias depois, as crianças seriam leiloadas nos degraus do tribunal 'em dinheiro na entrega'. Os recursos foram usados para financiar escolas para crianças brancas. . . muitas [crianças negras] foram compradas por funcionários da prisão.”

Fonte: Prisão Americana: Viagem Secreta de um Repórter ao Negócio de Punição por Shane Bauer

Via:Goitsemedime Ketu Mussole







MIRÓ DA MURIBECA







Reprodução da internet - Foto divulgação

Sem água não há Deus

Sem floresta não AR

Tânia Lima





**“NA PAREDE  
DA MEMÓRIA  
ESTA  
LEMBRANÇA  
É O QUADRO  
QUE DÓI  
MAIS...”**





## NA HORA DO ALMOÇO

No centro da sala,  
Diante da mesa,  
No fundo do prato,  
Comida e tristeza.  
A gente se olha,  
Se toca e se cala

E se desentende  
No instante em que fala.

Cada um guarda mais o seu segredo,  
Sua mão fechada  
Sua boca aberta  
Seu peito deserto,  
Sua mão parada,  
Lacrada,  
Selada,  
Molhada de medo.

Pai na cabeceira: É hora do almoço.  
Minha mãe me chama: É hora do almoço.  
Minha irmã mais nova, negra cabeleira...  
Minha avó me chama: É hora do almoço.

... E eu inda sou bem moço  
Pra tanta tristeza.  
Deixemos de coisas,  
Cuidemos da vida,  
Senão chega a morte  
Ou coisa parecida,  
E nos arrasta moço  
Sem ter visto a vida  
Ou coisa parecida aparecida



# pOÉTICA

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem-comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto  
expediente  
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.  
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no  
dicionário o  
cunho vernáculo de um vocábulo.  
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de  
excepção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora  
de si mesmo

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário  
do amante exemplar com cem modelos de cartas  
e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira





Reprodução da internet - Foto divulgação



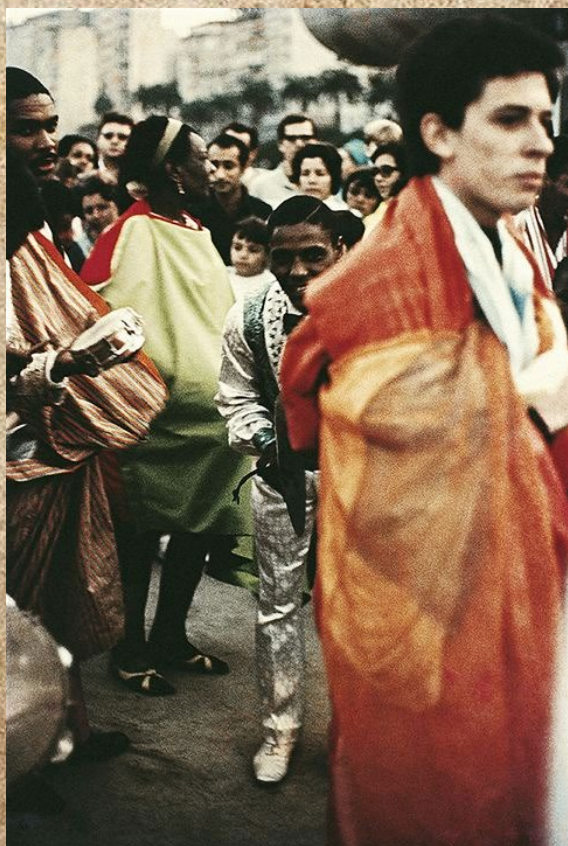


Reprodução da internet - Foto divulgação



Tom-Zé





"quando eu nasci  
um anjo louco muito louco  
veio ler a minha mão  
não era um anjo barroco  
era um anjo muito louco, torto  
com asas de avião  
eis que esse anjo me disse  
apertando a minha mão  
com um sorriso entre dentes  
vai bicho desafinar  
o coro dos contentes"

(Torquato Neto)



RITA LEE

## Dona Doida Lyrics

Dó, ré, mi, fá, sol,  
Lá, Si vai Dona Doida atrás da banda  
Pintando o sete  
Ela quer confete,  
além de ir sua sina é ser feliz  
Bota as asinhas de fora  
E voa, voa numa boa





RITA LEE

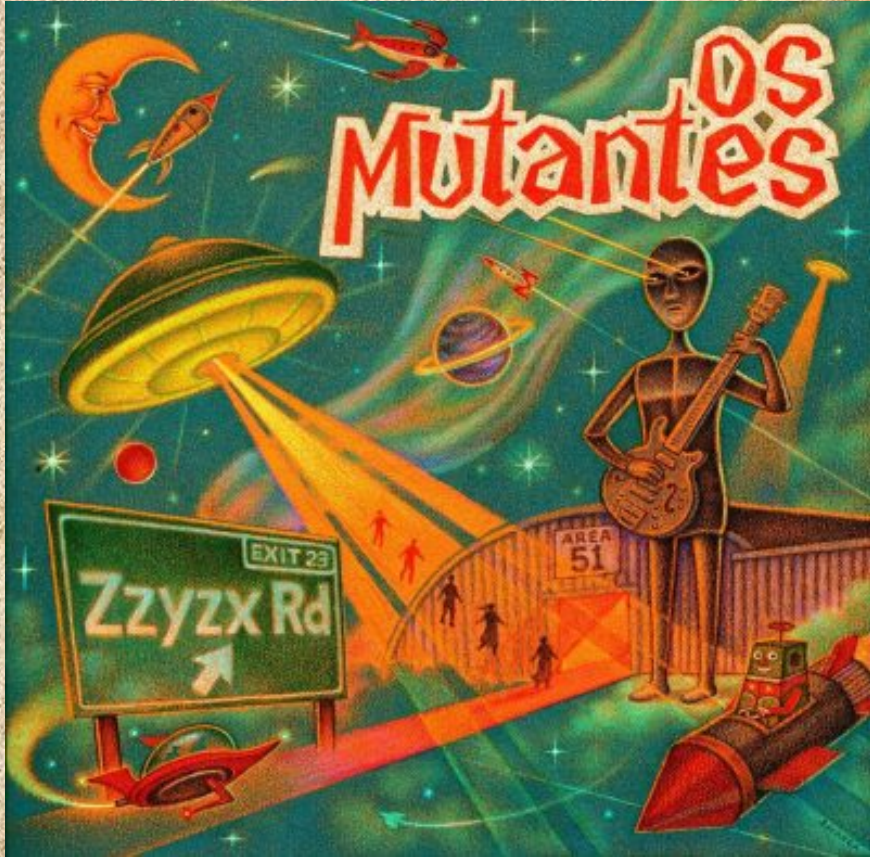
## Obrigado não Lyrics

Quanto mais proibido  
Mais faz sentido a contravenção  
Legalize o que não é crime  
Recrimine a falta de educação

Gravidez versus aborto  
Quem quer nascer no mar morto?









# JÚLIO CADÓ





## LUCIDEZ

Usei os anéis saturno

Dancei com Minotauro

Dialoguei com Zeus

Acordei Pandora

Roubei os segredos de Prometeu

Fugi de Pasárgada

Mercúrio levou-me ao Hades

Vi Hitler queimando nas trevas

Vi burgos sendo explorados

Vi militares sendo torturados

Atravessei o mar tenebroso

Salvei Galileu Galilei da fogueira

Filosofoei com Hipátia

Microfilmei os salvados da Alexandria

Queimei dinheiro em praça pública

Explodi a bomba atômica

Nos pátios imperialistas

Lá do alto no Morro dos Ventos Uivantes

Cantei para o Fantasma da Ópera

Pintei a orelha de Van Gogh

Guardei os mendigos da sarjeta

Saciei a Via Tramontana

Sequei a Baía da Guanabara

Fechei os braços do Cristo Redentor

Sintonizei Da Vinci nas galáxias superiores,

analisamos os erros da torre de Pisa

Voltaire interveio nas vibrações

Juntos analisamos as façanhas religiosas

e por fim entendemos as tristezas de Cristo

no Getsêmani...

TÂNIA LIMA





O louco peca então por ser desviante, excessivo e criança. Não é o Outro do homem, mas é ele mesmo, o homem, na sua fase precoce, na sua espontaneidade primeira, informe e disforme. É o Mesmo involuído, regredido, reduzido à sua impotência. É, no homem, aquilo a ser superado, a fim de que ele atinja a plenitude de sua mesmice.

**PETER PÁL PELBART**





Reprodução da internet - Foto divulgação

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

*Carlos Drummond de Andrade*



Carlos

carlos,  
nossa loucura é nossa vitória  
e ela não tarda mais que aurora  
nesse todo dia besta de toda hora

nossa loucura, carlos, é nossa vitória  
nesse circo que não pega fogo há anos  
nesse mato sem cachorro há anos  
nesse tempo que passou  
há tempos que passou a tempos  
que passou a danos

carlos,  
nossa loucura é nossa vitória  
e ela nos protege mais que aurora  
nossa loucura, carlos, é medo perdido  
de quem aprendeu a rir do medo na palavra do pai  
salto solto de anjo torto  
em asa de criança florida  
primavera da vida no asfalto dos homens  
ação do impossível  
nossa tradução

nossa loucura, carlos, é ferriouro das minas  
memórias líquidas de metais familiares que criam asas  
estranhas

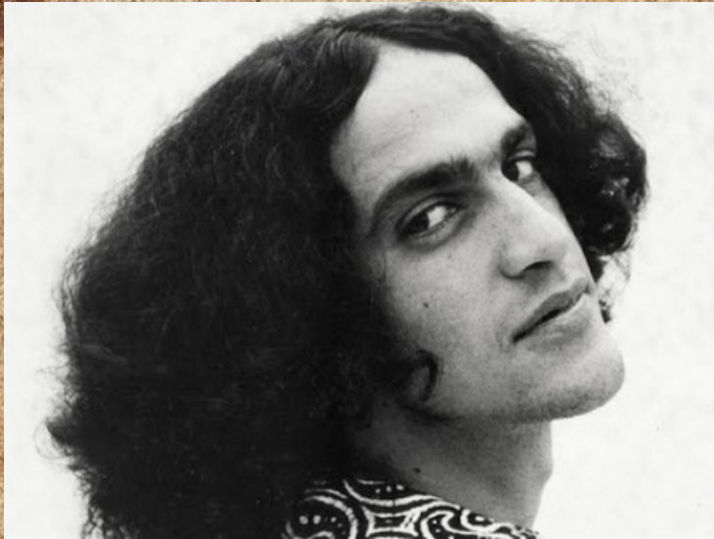
e nos dão a benção no cais dessas montanhas tristes e  
ricas  
música desse silêncio que navega o caminho das  
pedras  
delírio desse átomo de povo que colore  
e acolhe o peito e os pés de alguma poesia

nossa loucura, carlos,  
essa confluência infinita inexplicável definitiva  
dos que dançam e cantam o let`s play that  
de anjo torquato nosferato de ti em nós encarnado  
sombra semelhança dos que vibram e brilham  
e sonham e viram estrelas...

vai fundo, carlos, abandona o museu do livro  
enlouquece o céu dos nauseabundos que te assinam,  
te assassinam  
e te assistem sentados  
e te prendem o rosto e o rabo no álbum confortável dos  
lite-ratos  
vai, carlos, vem, carlos, desafina o coro dos contentes  
nesse todo dia besta de toda hora  
vem fundo, carlos  
mijar de novo conosco o metal líquido da poesia.

(Poema de André Monteiro)





Reprodução da internet - Foto divulgação

CAETAMOS



## TERCEIRA MARGEM

Caetano Veloso e Milton Nascimento

Oco de pau que diz:  
Eu sou madeira, beira  
Boa, dá vau, triztriz  
Risca certa  
Meio a meio o rio ri  
Silencioso, sério  
Nosso pai não diz, diz:  
Risca terceira

Água dá palavra  
Água calada, pura  
Água da palavra  
Água de rosa dura  
Proa da palavra  
Duro silêncio, nosso pai

Margem da palavra  
Entre as escuras duas  
Margens da palavra

Clareira, luz madura  
Rosa da palavra  
Puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri  
Por entre as árvores da vida  
O rio riu, ri  
Por sob a risca da canoa  
O rio viu, vi  
O que ninguém jamais olvida  
Ouvi, ouvi, ouvi  
A voz das águas

Asa da palavra  
Asa parada agora  
Casa da palavra  
Onde o silêncio mora  
Brasa da palavra  
A hora clara, nosso pai

Hora da palavra  
Quando não se diz nada  
Fora da palavra  
Quando mais dentro aflora  
Tora da palavra  
Rio, pau enorme, nosso pai.





## Mortal Loucura

Gregório de Matos Guerra - Zé Miguel Wisnik

Na oração, que desaterra a terra  
Quer Deus que a quem está o cuidado dado  
Pregue que a vida é emprestado estado  
Mistérios mil que desenterra enterra

Quem não cuida de si, que é terra erra  
Que o alto Rei, por afamado amado  
É quem lhe assiste ao desvelado lado  
Da morte ao ar não desaferra aferra

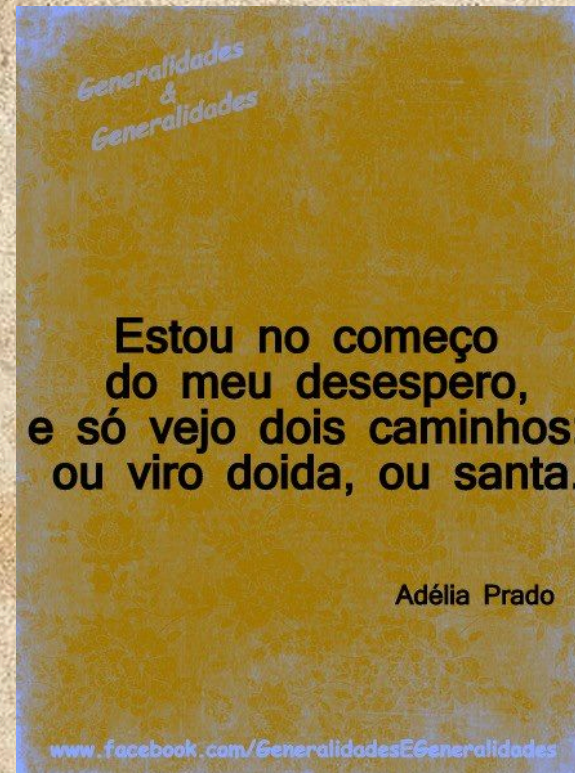
Quem do mundo a mortal loucura cura  
A vontade de Deus sagrada agrada  
Firmar-lhe a vida em atadura dura

A voz zelosa, que dobrada brada  
Já sei que a flor da formosura, usura  
Será no fim dessa jornada nada



Fiquei doida no encalço  
Só melhora quando chove

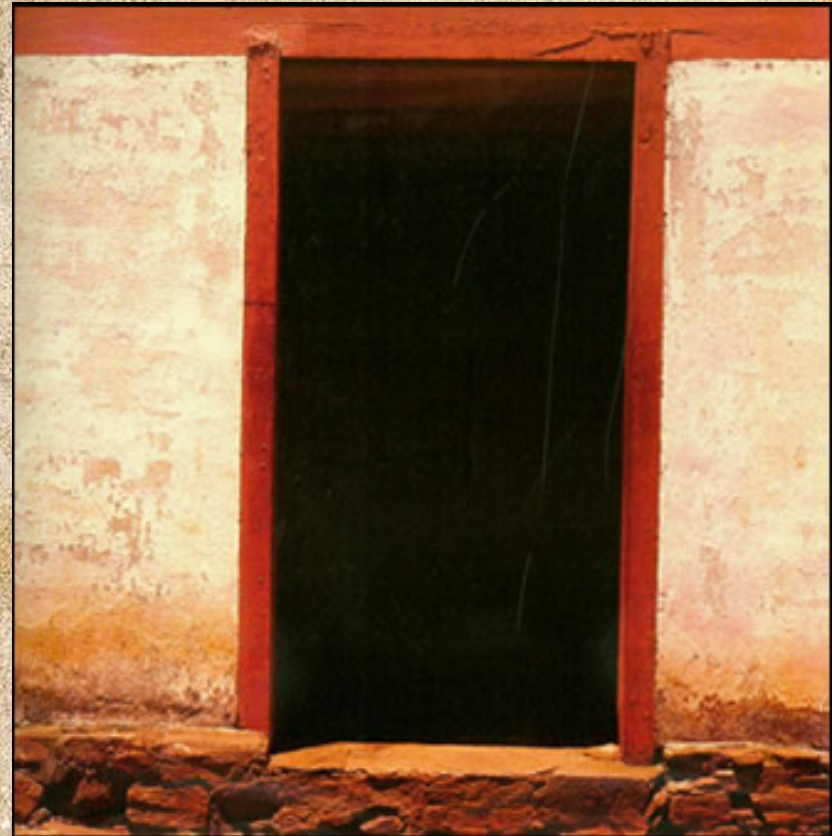
ADÉLIA PRADO





Alvará de demolição  
O que precisa nascer  
tem sua raiz em chão de casa velha.  
À sua necessidade o piso cede,  
estalam rachaduras nas paredes  
os caixões de janela se desprendem.  
o que precisa nascer aparece no sonho buscando  
frinchas no teto,  
réstias de luz e ar.  
Sei muito bem do que este sonho fala  
e a quem pode me dar  
peço coragem.

ADÉLIA PRADO





## CENTENÁRIO CLARICE LISPECTOR [1920 - 2020]

A loucura é vizinha da mais  
cruel sensatez

Isto é uma tempestade de  
cérebro e uma frase mal tem a  
ver com outra.

Engulo a loucura que não é  
loucura - é outra coisa.

(...)

In: *Água Viva*





'E quero aceitar  
minha liberdade  
sem pensar o que  
muito acham: que  
existir é coisa  
de doido, caso de  
loucura. Porque  
parece. Existir  
não é lógico.'

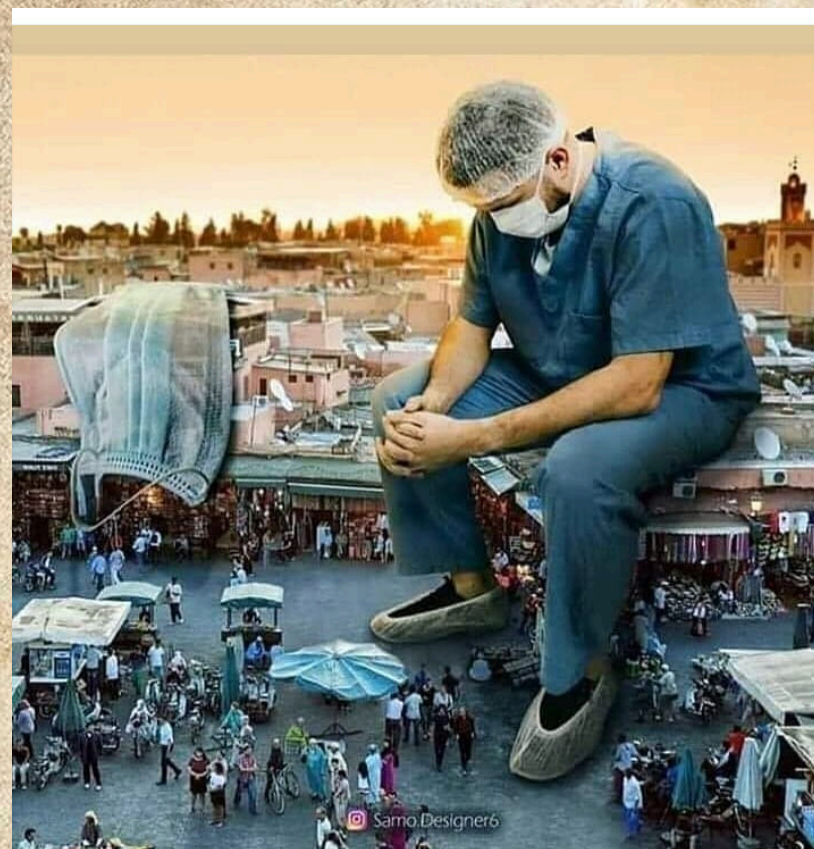
Clarice Lispector  
Em 'A Hora da  
Estrela'





Quando o corpo dói,  
Quando a alma clama,  
Por debaixo do Azê  
suas mãos me levantam,  
me limpam, me cuidam, me curam.  
Atotô Ajuberô!

*(minhella very)*



Reprodução da internet - Foto divulgação



bella ciao

vivendo postiçamente

unhas

cílios

vida artificial

não-antinatural

colocado

simulado

coloco cores

adiantaria

vejo monocromo

ouço vozes que me conduzem ao falecer

"filha, isso é o fundo do poço!"

jura

o automatismo comeu meu sentido

meu rosto é um dia de inverno

cinza chuvoso molhado cansado doloroso

minha morada fica onde só deusas chegam

mas minhas mãos não alcançam esperança

vibram na sintonia

ponte corda seringa arsênico navalha beladona nicotina álcool

pedidos de perdão

só na última hora eu escrevi (mentalmente) minha carta de despedida

ensaio e dolor

Ângela de Souza



A realidade é esta folha

Este banco esta árvore

Esta terra

É este prédio de dois andares

Estas roupas estendidas na muralha

Stela do Patrocínio





## Exercício Findo

Marcos Antônio Costa

Vivo o tempo em que começam a chegar notícias de tempos findos, antecipando-se ou para mim dirigindo acenos prováveis. Indagam-me a pressa, ou o atraso, que me fez deixar a primeira estação. A plataforma 19 na noite do *Sabbat*. Não fosse a não inauguração daquela linha do metrô e tudo se mostraria diferente: o tempo, a estação, a promessa, o desejo. O ar que me falta e a presença que me leva a gritar durante a noite. A peça de roupa esquecida sob o colchão, a vasilha do cachorro vazia de água, o débito não quitado, a foto não rasgada, a carta ainda não entregue, o gás não desligado. Não-fragmentos de vida que poderiam ter entortado o tempo. Mas o tempo é torto, mesmo que não se queira.

Agora, todas as praças vazias, tomadas por lembranças iguais. Eu precisava saber. Ônibus partindo lotados de rostos iguais aos que optaram por esperar. Sem entusiasmo. Ambulantes oferecendo frutas, picolés, chocolates, Deus. Nenhum caminho parecia me levar àquela praça. Eu precisava saber que não haveria escolha. Não podia mais retornar, nem avançar. Os rostos bisbilhotam através das janelas e os ônibus se afastam engolidos pelas ruas. A casa ficou distante: havia gavetas com roupas brancas, armários com biscoitos integrais e um despertador vermelho sobre o móvel rústico ao lado da cama. A cama ardeu e foi a primeira a partir. Havia ainda um livro com receitas de pão, um antigo prato de ágata, duas mudas de bromélias, um capacho cinza. Também *Sofia* e uma vasilha de água vazia. Mas agora, nesse aqui de rostos iguais, só uma forma: a roupa-biscoito-vermelho-rústico-pão-ágata-bromélia-capacho-vasilha-vazio.





Reprodução da internet - Foto divulgação

"Não se curem  
além da conta.  
Gente curada demais  
é gente chata.  
Todo mundo tem  
um pouco de loucura.  
Vou lhes fazer um pedido:  
vivam a imaginação,  
pois ela é a nossa  
realidade mais profunda.  
Felizmente,  
eu nunca convivi  
com pessoas  
muito ajuizadas."

@pyrina

Nise da Silveira

Reprodução da internet - Foto divulgação





Nise da Silveira - Foto: Martha Pires

"O artista e o poeta **mergulham no inconsciente** e voltam. Já o louco, o doente mental não tem o bilhete de volta. Essa é a diferença."

@psicouniverso

**Nise da Silveira**



É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.

NISE DA SILVEIRA

*O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com a outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.*

*Nise da Silveira*





ESFINGE

Não há perguntas. Selvagem  
o silêncio cresce, difícil.

Orides Fontela



Reprodução da internet - Foto divulgação



Nunca amar  
o que não  
vibra

nunca crer  
no que não  
canta.

ORIDES,  
ONDE NINGUÉM MAIS





## INICIAÇÃO

Se vens a uma terra estranha  
curva-te

se este lugar é esquisito

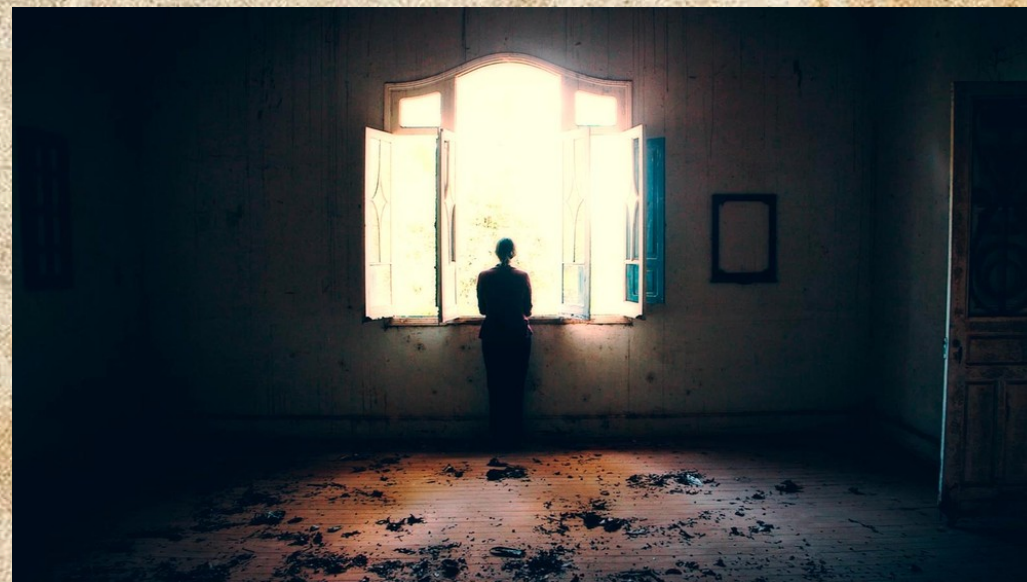
curva-te

se o dia é todo estranheza

submete-te

— és infinitamente mais estranho.

ORIDES FONTELA



<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2018/12/19/filme-orides-onde-ninguem-mais-tem-exibicao-gratuita-no-ims-em-pocos-de-caldas.ghtml>





Reprodução da internet - Foto divulgação

Neste tudo  
tudo falta  
(neblina)  
e nesta  
falta: eis  
tudo.

Orides Fontela





Como me sinto? Como se colocassem dois olhos sobre uma mesa e dissessem a mim, a mim que sou cego: isso é aquilo que vê, essa é a matéria que vê. Toco os dois olhos sobre a mesa, lisos, tépidos ainda, arrancaram há pouco, gelatinosos, mas não vejo o ver. É assim o que sinto tentando materializar na narrativa a convulsão do meu espírito, e desbocado e cruel, manchado de tintas, essas pardas escuras do não saber dizer, tento amputado conhecer o passo, cego conhecer a luz, ausente de braços tento te abraçar.

**HILDA HILST**





É triste explicar um poema.  
É inútil também. Um poema não  
se explica. É como um soco.  
E, se for perfeito, te alimenta  
para toda a vida.

(HILDA HILST)






O que será de nós  
todos logo mais,  
se não dilatarmos  
nossos corações  
ao infinito?

"Casos e Carícias: Crônicas Reunidas (1992/1995)" (1998)

OCUPAÇÃO

HILDA HILST

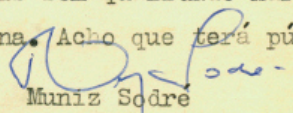
Qual a sua resposta? Compartilhe  
#ocupacaohh     
[itaucultural.org.br/ocupacao](http://itaucultural.org.br/ocupacao)





A quem possa interessar

Em minha opinião, o texto Becos da Memória, de Maria da Conceição E. Brito, oferece algo de inédito na literatura nacional: o testemunho (bem escrito, literariamente realizado) do universo existencial da favela, sem pieguismos nem doutrinações reformistas. Textos anteriores do gênero foram publicados, mas sem qualidade narracional. Becos da Memória vale a pena. Acho que terá público leitor.

  
Muniz Sodre

Professor-Titular da UFRJ



Reprodução da internet - Foto divulgação

CONCEIÇÃO  
EVARISTO



Fai de mãe, insisto,  
existo nessa mania  
de levantar pedras  
faz buscar flores amarelas  
e catar palavras tais como:  
Copos nas calcadas,  
fome, sangue e frio  
e fazer destes vocábulos  
artíficos, resistência  
arte e afício  
de meu canto, da minha fala.

Cangaço Poético







Reprodução da internet - Foto divulgação

## Favela

Barracos  
montam sentinela  
na noite.  
Balas de sangue  
derretem corpos  
no ar.  
Becos bêbados  
sinuosos labirínticos  
velam o tempo escasso  
de viver.





Reprodução da internet - Foto divulgação

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.

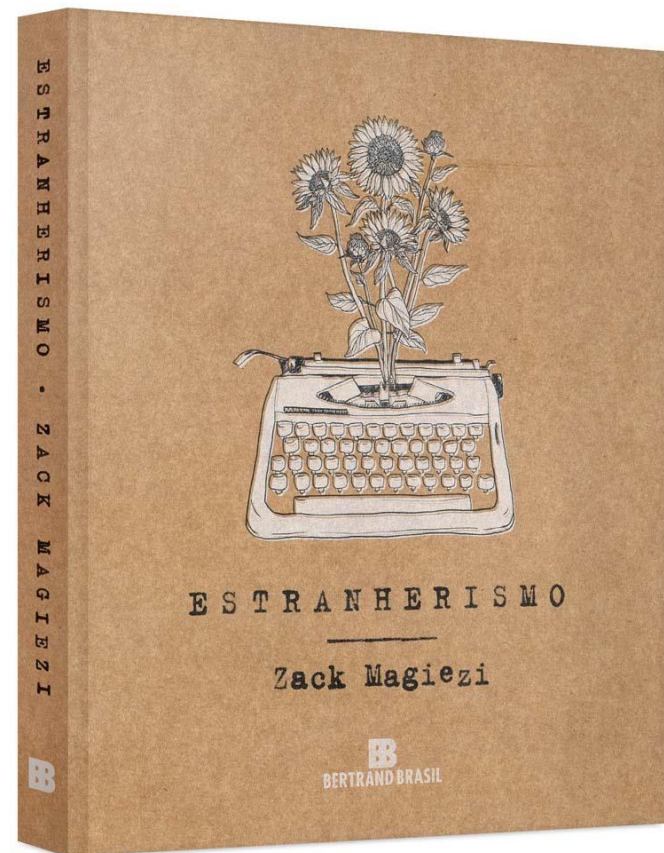
**CONCEIÇÃO EVARISTO**  
mensagens.inf.br



receita médica.

se você não cometer loucuras  
a rotina irá te enlouquecer.

z.magiezi





## INSPIRAÇÃO

Às vezes louca  
Inspiração  
E vez em quando  
Nada  
Nada escrevo  
Nada do mundo  
Nada de mim  
Nada me enlouquece  
Nada me inspira  
Viro a página  
Vou à praia  
Vou à rua  
Na esquina da ilusão  
Só loucura  
Imaginação

ROSE LIMA



Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medo de não enfrentá-la, criticá-la, usá-la.

**FOUCAULT**

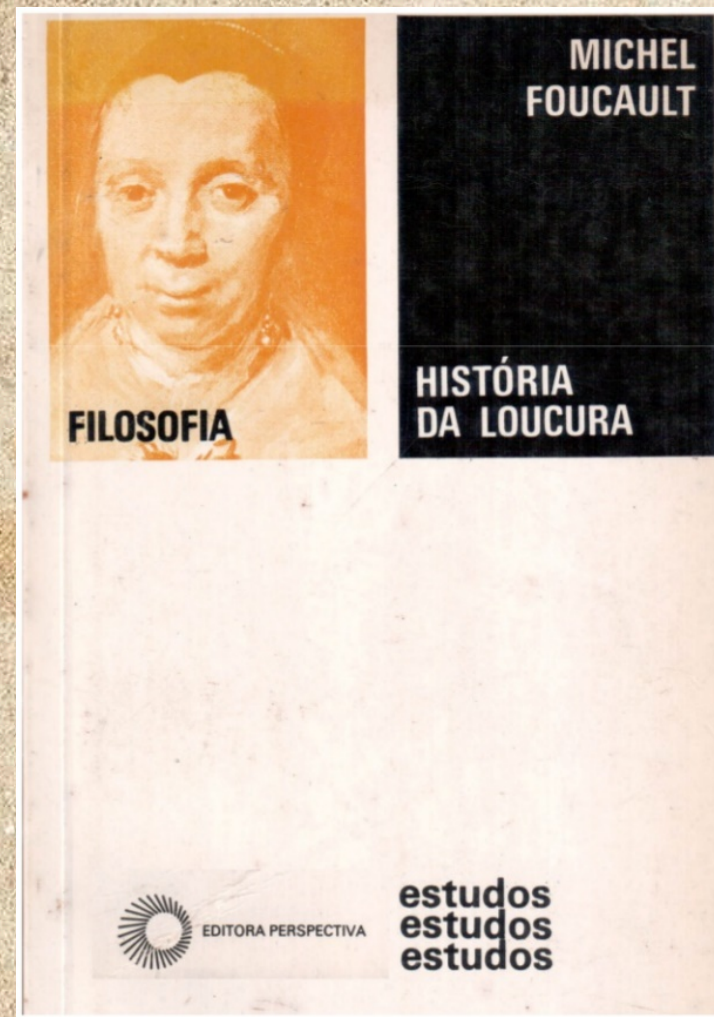






Foto: Lúcia Lucena

SÓ A LOUCURA É FELIZ

Foucault



## Lisbon Revisited (1923)

**NÃO: Não quero nada.**

**Já disse que não quero nada.**

**Não me venham com conclusões!**

**A única conclusão é morrer.**

**Não me tragam estéticas!**

**Não me falem em moral!**

**Tirem-me daqui a metafísica!**

**Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas**

**Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –**

**Das ciências, das artes, da civilização moderna!**

**Que mal fiz eu aos deuses todos?**

**Se têm a verdade, guardem-na!**

**Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.**

**Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.**

**Com todo o direito a sê-lo, ouviram?**

**Não me macem, por amor de Deus!**

**Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?**

**Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?**

**Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.**

**Assim, como sou, tenham paciência!**

**Vão para o diabo sem mim,**

**Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!**

**Para que havemos de ir juntos?**

**Não me peguem no braço!**



**Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.**

**Já disse que sou sozinho!**

**Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!**

**Ó céu azul — o mesmo da minha infância —**

**Eterna verdade vazia e perfeita!**

**Ó macio Tejo ancestral e mudo,**

**Pequena verdade onde o céu se reflete!**

**Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!**

**Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.**

**Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...**

**E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar**

**sozinho!**

**Álvaro de Campos, in "Poemas"**  
**Heterônimo de Fernando Pessoa**





Nossas fendas abertas  
são ferramentas do caos  
eternamente a trabalhar a beleza  
para que esta  
não se se canse de si mesma

Tenho porque tenho que tentar dizer a verdade

- eu estava olhando o mundo e vi uma noite

coberta de pelos

- pássaros amarelos

- luz incolor

e o frizo da janela caiu.

FÁTIMA COSTA



Temo pelo dia que vai  
Tremo pelo noite que chega.  
O ciclo rotineiro tem me assustado  
Os relógios imaginários na minha parede  
Deixam flácido o meu corpo  
E colore de branco os meus cabelos.  
E eu que só queria ver o mar  
Nem que fosse por uma janela grande  
De uma casa pequena...

Lúcia Costa

o que  
flor  
pra ser  
será.

fabricio garcia •



## Escafandro

### Compartilho

pensamentos, distrações e memes  
o relógio analógico se amarra  
e o tempo só passa quando você responde  
nesse mar de emoções  
as vezes mergulho fundo  
e o fundo pode ser raso  
tenho lesões na boca  
ainda não abandonei os impropérios  
aprendi as contagens da lua e te ensino  
sem garantias que a volta provoque  
qualquer encontro  
sei da impossibilidade de crescer  
em apenas uma direção  
mas há que dias suas mensagens são  
como uma afirmação humana da realidade  
essa mesma que já que nos pedem para superar  
ou imaginar distante  
mas que todo dia me lembra  
que não posso sair

e pegar o primeiro voo para sua cama  
o impossível me estimula  
eu afeto a sua imaginação  
isso é o mais forte  
sua voz reverbera como um tipo  
de carícia sinfônica  
eu ouço repetidamente  
diante do que preciso fazer e não faço  
uma expectativa perpétua  
acompanhar o tempo  
trajando escafandro.

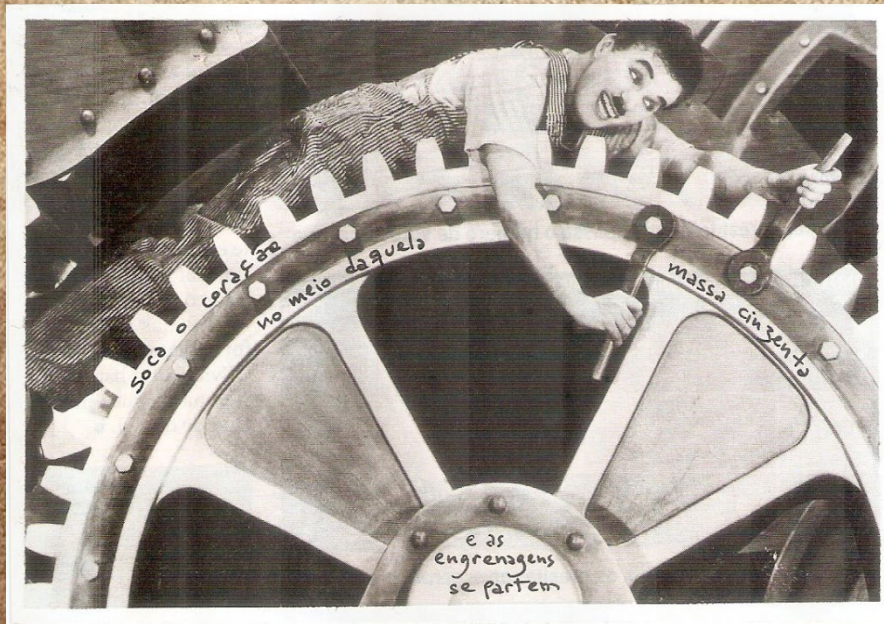
[renatamar]





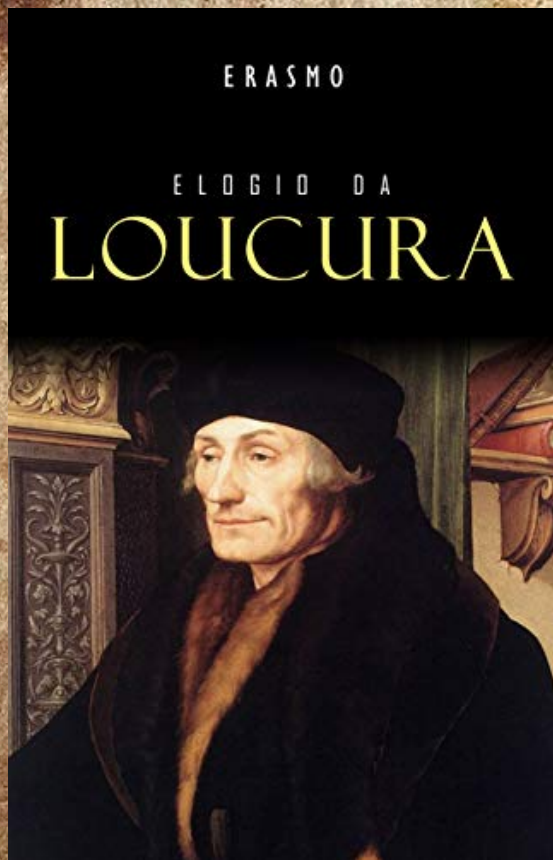
Pedro David,  
[Escafandro, 2005]





FERNANDA  
MEIRELES





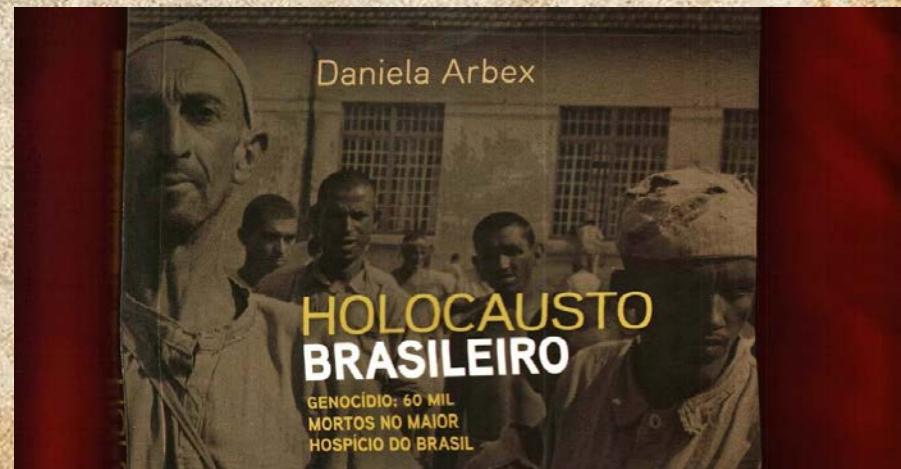
Dizei-me se o homem que odeia a si mesmo é capaz de amar o próximo, se o que luta contra si mesmo pode entender-se com alguém, se aquele que é um peso para si mesmo pode ser agradável a outro. Para entendê-lo, seria preciso ser mais louco que eu.

Erasmus de Rotterdam



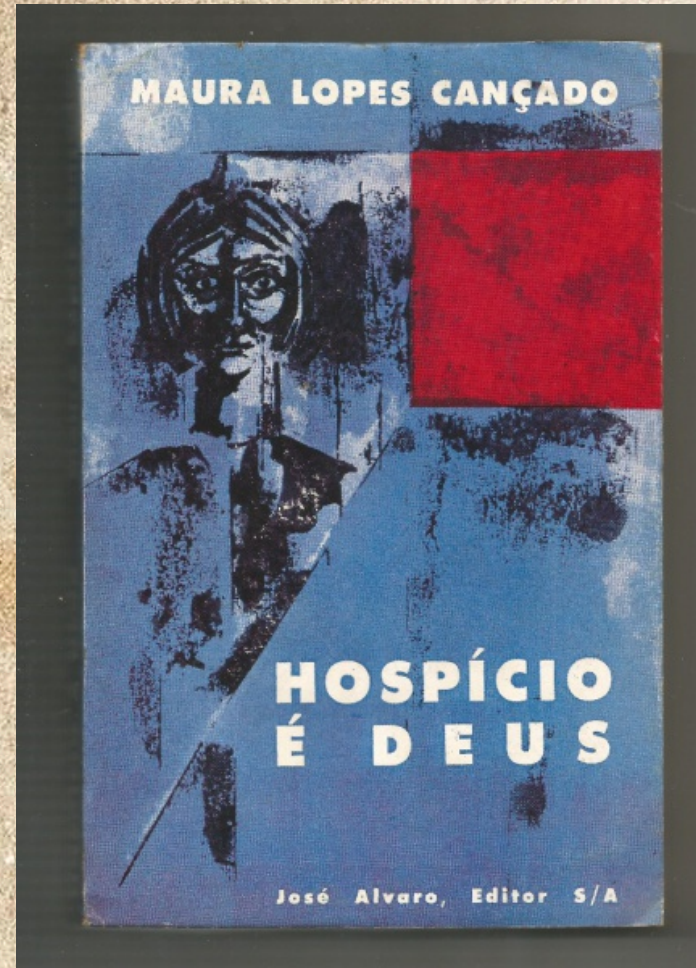
Tudo o que o louco tem no coração, mostra-o no rosto, exprime no que diz.

Erasmus de Rotterdam





Nasci lúcida e segura ...





## NO QUADRADO DE JOANA

**Mauro Lopes Cançado**

Marcha completando o pátio, o fim da linha sendo justamente princípio da outra, sem descontinuidade, quebrando-se para o ângulo reto. Não cede um milímetro na posição do corpo, justo, ereto. Porque Joana julga-se absolutamente certa na nova ordem. Assim, anda de frente, ombro direito junto à parede. Teima em não flexionar as pernas, um passo, outro e mais, as solas dos pés quentes através do solado gasto. Agora o rosto sente a quentura do muro, voltado inteiramente, quase roçante até o fim da linha; onde junta ombro esquerdo e marcha de costas, na retidão da parede. Finalmente acha-se na metade da quarta vez, todo o pátio contido no âmbito do olhar parado. Anda certo, de costas deslizantes como lâminas, na proteção do seu tempo: o muro. Repete sentindo a certeza da quarta vez. Mais e mais – porque cumpre um dever.

Quantas vezes Joana marcha rigidamente de ângulo a ângulo?

Ninguém sabe. Nem Joana.

Vê-se parada imaginando o quadrado das horas. Isto vem justamente aliviá-la da sensação incômoda de que um corpo redondo ilumina o pátio. Retesa-se, ajustando-se no espaço certo – fora de perigo. Perfeitamente integrada. Em forma. Uma pausa completa.

Como na pedra.

Joana imóvel, quadriculada no pano do vestido, marcando um tempo ainda imarcado porque novo. Um novo tempo: nascido duro, sofredor.

O quadrado das horas.

No meio do pátio, imóvel obedecendo a ordem. Não sabe por que, a palavra meio salta-lhe morna, insinuante como ameaça remota. Um orifício no muro: meio de fuga. Para onde e por quê? Deve ter ouvido isto. Ela não se desviaria tanto da lógica, mesmo pensando num momento de descuido, e a lógica está no quadro. Precisa pensar certo. Joana não pode deixar-se trair. Entanto não conhece régua que lhe permita certificar-se da justeza, da retidão das palavras. Há, no verbo precisar, uma denúncia de falta que vagamente percebe, isto é a ameaça. Não poderia admitir, contrariando sua posição na vida, como o verbo poder, naquele tempo, fere sua época.

Época de Joana.

Não lhe foi dada ainda uma linguagem adequada e não consegue pensar sem palavras. Sente-se incompleta, sem os instrumentos necessários. Não pensa, em posição de sentido, é a ordem por enquanto. E Joana enquadra-se no momento.

Plana-lisa-justa.

Um marco novo no tempo. Cumprindo um dever, fortalecida e distanciada das curvas, o pensamento quadrado no ar, quase sólido, e o olhar, reto como lâmina, sofrendo o impacto, voltando e enquadrando-se nos olhos impossíveis.

Joana está certa no plano vertical.

Só ela compreende a grande significação disto. Imóvel, poupando o corpo, principalmente o rosto, que sente duro na parte inferior sustentando o quadro. Não deve mutilar-se na lisura da curva. Não deve perder a forma.

Mas a impertinência do seu nome é uma realidade, e Joana escuta-o, sentindo-se gelar nos ângulos, pontos vulneráveis. Procura a proteção do novo tempo e sem pensar, anda de costas dois passos, sofrendo as modulações da voz que, como num espelho, mostram-se refletidas no corpo de Joana. Como um espelho o corpo reflete sem aberturas.

Na perfeição do quadro sente-se ainda sensível ao formigamento que a rodeia. A futilidade das coisas irrita até o muro de pedra. Joana acredita



no que é e na certeza do seu tempo. Está só, no quadro ainda infecto de moscas e serpentes ondeadas. Dançam ao seu redor e Joana não tem palavras. No tempo quadrado vive-se sem elas na perfeição das coisas. Mas a dança dos sons é característica fútil de um subtempo e ela não deve perder-se. Joana teme a roda que ameaçou mostrar-se nos rostos redondos, fitando-a. Concentra-se nas linhas certas do seu próprio rosto e vê-se refletida no muro cinzento:

Uma nova figura. Um destino.

Nasceu inaugurando um tempo. É o marco da nova época. Entretanto um milímetro de desatenção pode levar-lhe os olhos a rotações incalculáveis, catastróficas. Pode até cair numa espiral e, em ascensão, transformar-se num ponto irritante como a cabeça de um alfinete. Luta para manter-se enquadrada na hora, o pensamento liso à espera da forma de expressão: uma nova linguagem.

Fugindo às palavras pensa em números certos: 44, 77. Desenha-os mentalmente no muro para sua sobrevivência, até estremecer no número 60. Ah!, o número sessenta se aproxima qual cobrinha traiçoeira: o círculo, as curvas. Uma áspide. Também os números têm nome. Sessenta soa perigoso, ondulante.

Figuras sinuosas passeiam no âmbito de sua visão quadrada. Não procura vê-las. Impõe-se impertinentes formando uma quase culpa para Joana que nasceu sem lembranças. Estas chegariam incompletas e isso é outro mundo.

A pedra não repele os flocos fúteis de neve. Apenas pedra é pedra.

Mas pessoas são como moscas, tentando atrair atenção, fazendo dançar e correndo o risco de quebrar-se nas curvas, caindo esfaceladas, sem significação. Joana ignora propositadamente a curva de uma folha banal perto de seus pés. Esqueceu as flores, espera sons rápidos, geométricos, para se fazer entender. Vagamente tem noção das figuras incomodativas,

ondeadas de banalidades que tentam atrair-lhe atenção. Não cede um milímetro para não se desmoronar. Deve sobreviver.

Alarmada sente o suor correr-lhe pela testa em linha reta. Uma intermitência, o ponto trazendo-lhe o caos. Não. Não admite bagas de suor. Haverá, sim, uma linha reta até o solo, subindo imediatamente evaporada. Uma pocinha seria seu afogamento. Foge do círculo. Mas a linha é formada por pontos. Não no seu tempo: raciocina rápido, quadrando o pensamento. À Joana não é também permitido sentir-se alarmada. O alarma começa de um ponto, significativo ou consciencioso, atingindo num crescendo o grau de alerta ou alarma? Alarma pode surgir como numa tela de cinema, de repente?

Joana não sabe. Há!, como faltam instrumentos.

Muitas danças numa banalidade sônica. Entretanto escutou, quase se contorcendo. Não pode responder que não possui ainda meios de expressão. Que fazer para explicar que se acha enquadrada num novo e perfeito tempo? Não pode sequer dar meia-volta. Deve poupar-se conservando a forma. Não há como fugir. Ainda assim, para sua sobrevivência, será necessário explicar o que só a ela é permitido compreender. Puseram-na quadrada, certa, objetiva, no tempo novo, forte, mas ameaçado até por flores. Sim, Joana será vencida na curva de uma pétala. A palavra beleza, levada a sério, pode desconjuntá-la. E nuances, mesmo de cores, ou principalmente de cores, seriam sua perdição.

Tenta ainda ignorar os sons inúteis. Mais um pouco e fica livre de pensamentos, na hora quarta do novo tempo. É aí que Joana inveja a estátua, imóvel há muitos anos. Não sabe que estátua e perdeu a contagem dos anos. Também com a nova ordem não há concessão. A realidade é o quadrado do pátio ainda cheio de moscas e serpentes ondeadas. A realidade é o perigo de ser levada para a cama.

A realidade é a pedra.



Joana pode pendurar a hora na parede e acrescentar a realidade a isto. Foi feita certa, no tempo certo do mundo novo. Qualquer desvio lhe é proibido. Haverá a nova língua que a dança dos sons talvez esteja impedindo de se formar.

Joana é grande e teme um laço de fita cor-de-rosa. Não deve ferir-se nas curvas ou deixar-se mutilar. Está sozinha no novo tempo. Só ela o conhece e às suas regras. Não deseja nem pode sair dele. Também, nunca poderá deitar-se, o que significa cair escombrada num monte. Tenta observar regras absolutamente certas mas não compreendidas. Joana está só. Qualquer inclinação será o encontro da curva e Joana não passará deste plano para o horizontal sem vergar-se, perdendo-se. Decididamente não lhe é permitido deitar-se. Antevê-se amassada e, junto a outros ingredientes, aproveitada numa construção. Será seu destino se for para a cama. Sentir os membros distantes, dentes opacos, pé no terceiro andar, e a boca no ângulo direito da porta principal. Os olhos sim, estes verão as noites, enquadrados no azulejo frente à janela do banheiro. Na melhor das hipóteses Joana ficará no arranha-céu, sem a marcha, que ainda lhe é permitida. E nem haverá esperança da nova linguagem, tendo a boca fixa. Joana não pode, não deve deixar-se perder.

-- Joana.

Movem-se ao seu redor. Sente que querem força-la. Joana, sem virar, marcha de costas dois passos, para sentir-se hirta, ainda antes da queda.

Não sabe onde estão os olhos teimosos, olhando. Sabe-se desmoronada, sem salvação, ferida de morte.

Mais que isto, ruída.

Joana ruiu.

Os olhos enfrentam rostos impacientes. Paira no ar uma palavra nova:

Catatônica

Joana gostaria de medi-la:

CA-TA-TÔ-NI-CA

Pensa desesperada: será o início da nova língua, agora que estou desmoronada?





*Manoel de Barros*



LIVRO  
SOBRE  
NADA



A. B. do R.

Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. Sua obra era ardente de resto: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões da Academia, Miss Brasil, suspensórios de doutores – coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedra com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acredita em nada e em Deus. Bispo do Rosário não soube abandonar por completo sua loucura num navio. As embarcações de um almirante alistado na escola de marinheiro. Viajar para dentro é diferente de viajar para fora. Quem não viaja dentro com lentidão, ao caminhar para o exterior perde os detalhes, as minúcias de um vento que vem curvo sem bússola. O herói do mar, como diz Bachelard, é herói da morte. As velas de palavras flutuam sobre águas, sem sucumbir ao canto das sereias, do peixe orixá. Bispo sobrevoa um espaço que é feito de escama. O artista usa escada para subir degrau por degrau as camadas de palavras. O que procura o poeta: poemas feitos de bólides e papelões.

Manoel de Barros



Passagem livre para todos

Pare não se movimente

Paz é o filho

Jesus estou

A ignorância também é sabedoria

Então você pode ser escolhido".



Reprodução da internet - Foto divulgação

## BISPO DO ROSÁRIO



Se Bispo fosse um Salvador Dalí, diriam que estávamos no meio de uma instalação surrealista; se Bispo fosse uma Carolina de Jesus, diriam que estávamos diante de um catador de luxo, mas a arte episcopal de Bispo do Rosário é vinda de um labirinto da solitude que nasce costurado pelo avesso feito papelão, lá onde se desenha o manto de uma loucura doida, de uma solidão esquizoide, com uma sina maldita de um artista provido de desrazão.

Tânia Lima



Reprodução da internet - Foto divulgação





Quem sou eu?  
De onde venho?  
Sou Antonin Artaud  
e basta que eu o diga  
Como só eu o sei dizer  
e imediatamente  
hão de ver meu corpo

*atual,*  
voar em pedaços  
e se juntar  
sob dez mil aspectos  
diversos.  
Um novo corpo  
no qual nunca mais  
poderão esquecer.

Eu, Antonin Artaud, sou meu filho,  
meu pai,  
minha mãe,  
e eu mesmo.  
Eu represento Antonin Artaud!  
Estou sempre morto.

ANTONIN ARTAUD





“Pois o louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis” [Antonin Artaud].





## “Van Gogh suicidado pela sociedade”

Pode-se falar da boa saúde mental de Van Gogh, que em toda a sua vida apenas assou uma das mãos e, fora isso, limitou-se a cortar a orelha esquerda numa ocasião. Num mundo no qual diariamente comem vagina assada com molho verde ou sexo de recém-nascido flagelado e triturado, assim que sai do sexo materno. E isso não é uma imagem, mas sim um fato abundante e cotidianamente repetido e praticado no mundo todo.

E assim é que a vida atual, por mais delirante que possa parecer esta afirmação, mantém sua velha atmosfera de depravação, anarquia, desordem, delírio, perturbação, loucura crônica, inércia burguesa, anomalia psíquica (pois não é o homem, mas sim o mundo que se tornou anormal), proposital desonestidade e notória hipocrisia, absoluto desprezo por tudo que tem uma linguagem e reivindicação de uma ordem inteiramente baseada no cumprimento de uma primitiva injustiça; em suma, de crime

organizado. Isso vai mal porque a consciência enferma mostra o máximo interesse, nesse momento, em não recuperar-se da sua enfermidade. Por isso, uma sociedade infecta inventou a psiquiatria, para defender-se das investigações feitas por algumas inteligências extraordinariamente lúcidas, cujas faculdades de adivinhação a incomodavam.

E o que é um autêntico louco? É um homem que preferiu ficar louco, no sentido socialmente aceito, em vez de trair uma determinada ideia superior de honra humana. Assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se porque se recusavam a ser cúmplices em algumas imensas sujeiras. Pois o louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis."

ANTONIN ARTAUD





LÚCIA LUCENA



do pássaro que contempla

o que em ti não alcanço  
com os poderes da carne  
serve para dar músculo ao poema

que mais posso querer  
se te posso contemplar?

se posso engravidar palavras  
com o que não cabe na existência?

quem disse que é triste o pássaro  
que em vez de bicar a fruta  
do alçapão  
prefere cantar com toda força  
a beleza de poder ter fome?

sinergia

no imenso terreiro do mundo  
sob o batuque enigmático  
do tempo

dancemos

e que seja a alegria  
o fogo que aqueça os tambores  
de todos os dias

João Batista de Carvalho

[Poeta e Professor]



*... a minha casa  
são meus sapatos...*

**MÁRIO GOMES**



Reprodução da internet - Foto divulgação



Mário Gomes – O Poeta da Praça do Ferreira: outsider e boêmio

“Ontem, / Ao meio- dia, / Comi um prato de lagartas /  
Passei a tarde defecando borboletas.” MG

O poeta Mario Gomes (foto) tem como lema a liberdade. Nascido em Fortaleza no dia 23 de julho de 1947. Anda maltrapilho pelas ruas pedindo de empréstimos o que comer e beber. Poeta maldito. Vive bêbado. Irreverente viajou diversas vezes ao Rio de Janeiro e Salvador para retornar em seguida à sua terra natal. Numa dessas viagens quem lhe socorreu foi o poeta potiguar Miguel Cirilo. Eles se atraem. Mário retorna a Fortaleza depois de uma tremenda cagada num cinema em Salvador. Ao regressar a Salvador depois de meses encontra a cueca que havia sido lavada e posta pra secar na raiz de uma árvore. O poeta de “Os Elementos do Caos” vendo o amigo de credo e cruz naquela penúria, pagou o seu retorno a Fortaleza.

Um eterno apaixonado teve muitas musas. Mulheres vinde a mim, dá dá. Para a musa Valdora ele compôs o lindo poema: no rio voluptuoso dos teus beijos me afoguei. / Fui boiando até o mar de teu sexo. / Ressuscitei cansado e desfigurado / Foi ai que compreendi que a morte em tua vida é muito mais bela ainda A Praça do Ferreira na capital cearense é sua ágora. Leio a sua biografia escrita por Marcio Catunda:

Mário Gomes: Poeta, Santo e Bandido. Preso muitas vezes pela policia sem lenço e documentos. Foi submetido muitas vezes a tratamentos de choques no hospício de Parangaba. Sua vida tem semelhanças com a do poeta natalense Blecaute e de tantos outros poetas marginais espalhados pelo mundo. No poema “ uma violenta orgia universal “ o poeta pisoteia o cadáver de satanás e sai rindo e cantando, abraçado com Deus.

Em alguns casos sua musa namora sadomasoquistamente com ele no inferno e ela no céu. Um de seus mais belos poemas é um poema surrealista em que ele engole o universo numa madrugada e giboando acorda mil anos depois. Esse poema ganhou o primeiro lugar no Festival de Poesia Cearense, de 1981.

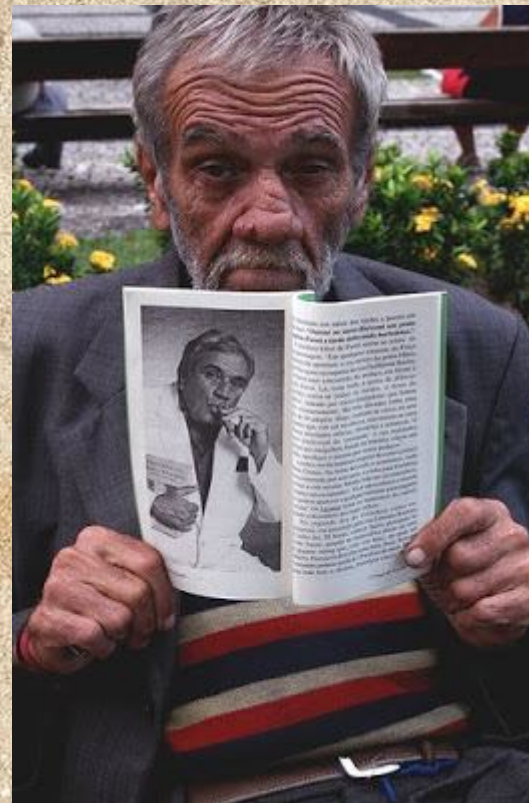
#### AÇÃO GIGANTESCA

Beije a boca da noite  
E engoli milhões de estrelas.  
Fiquei iluminado.  
Bebi toda a água do oceano.  
Devorei as florestas.  
A Humanidade ajoelhou-se aos meus pés,  
Pensando que era a hora do Juízo Final.  
Apertei, com as mãos, a terra,  
Derretendo-a.  
As aves em sua totalidade,



Voaram para o Além.  
Os animais caíram do abismo espacial.  
Dei uma gargalhada cínica  
E fui descansar na primeira nuvem  
Que passava naquele dia  
Em que o sol me olhava assustadoramente.  
Fui dormir o sono da eternidade.  
E me acordei mil anos depois,  
Por detrás do Universo.  
Outra vez visitando a biblioteca de Salvador se  
apaixonou pelas bibliotecárias. Foi confundido com o  
“homem do canivete” que furava as bundas das  
mulheres e se escondia. Mais prisão depois de ter sido  
quase linchado.  
Pedindo um cigarro a um policial foi negado e mandou  
o policial tomar no cu. Mais porradas!  
Mário é doido! Mário é preso e escapa para ser preso  
novamente. Mário é livre e vive a poesia em estado de  
miséria. O autor de “Lamentos do Ego” é um poeta  
metafísico para quem a poesia é vital. A vida é  
altamente preciosa, mas não vale nada, diz o poeta  
defendendo tese.

**by Damata Costa**





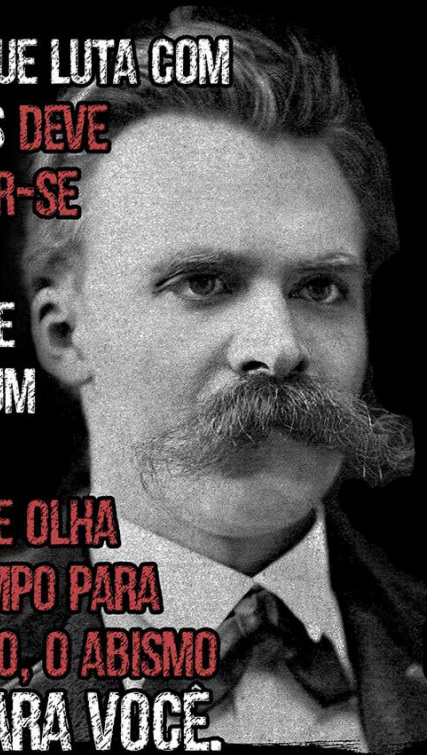


Por Felipe Stefani

Há sempre alguma  
loucura no amor.  
Mas há sempre um  
pouco de razão na  
loucura.

(Nietzsche)



A black and white portrait of Friedrich Nietzsche, showing him from the chest up. He has a prominent mustache and is wearing a dark suit jacket, a white shirt, and a dark tie. The portrait is set against a black background.

**AQUELE QUE LUTA COM  
MONSTROS DEVE  
ACAUTELAR-SE  
PARA NÃO  
TORNAR-SE  
TAMBÉM UM  
MONSTRO.  
QUANDO SE OLHA  
MUITO TEMPO PARA  
UM ABISMO, O ABISMO  
OLHA PARA VOCÊ.**

**FRIEDRICH NIETZSCHE**

Antes ser louco por seus próprios critérios,  
que sábio segundo a opinião dos outros

[Nietzsche]



O gênio garante as faculdades do coração.

O homem não é menos imortal que a alma.

Os grandes pensamentos vêm da razão!

A fraternidade não é um mito

As crianças que nascem não conhecem nada da vida nem mesmo a grandeza.

Na desgraça os amigos aumentam

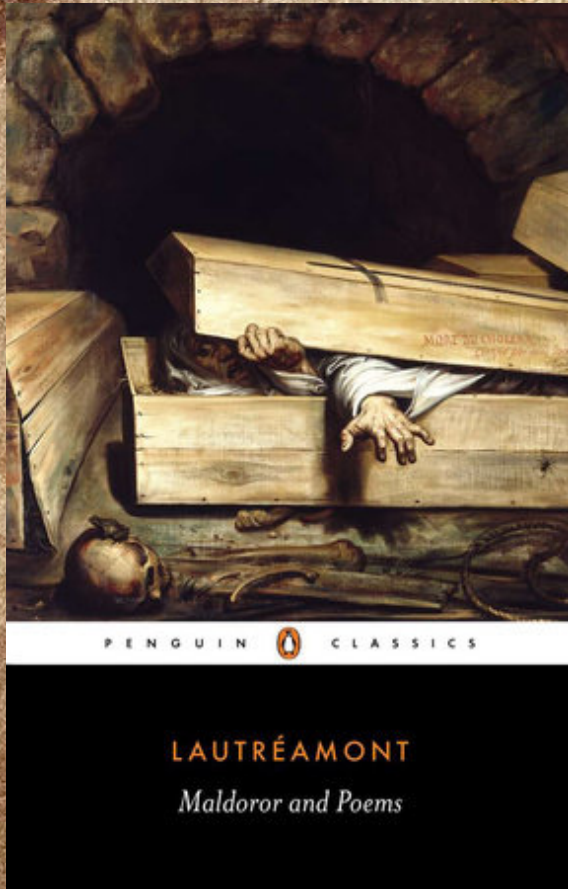
Vós que entrai, deixai todo desespero

Bondade, teu nome é homem.

LAUTREAMONT







Eu substituo a melancolia pela  
coragem, a dúvida pela certeza, a  
desesperança pela esperança, a maldade  
pelo bem, as queixas pelo dever, o  
ceticismo pela fé, os sofismas pela frieza  
da calma, e o orgulho pela modéstia.



Teus poemas com metade de um sorriso

para val ramalho

*Eu também, bem, tenho escrito*

Ana c.

Solve et Coagula

...eu gosto de namorar você...

*E você me namora?*

Não sei

Mas eu gosto de está com você quando agente não namora

Gosto do gosto de tua boca, quando cheia de poesia me beija

E saí correndo

Em seu carro-nave pela costeira ao som de Erasmo

Gosto da bagunça que deixa

E desnorteia os sentidos do meu sentir

Você me mandou

Love will tear us apart

Ian despedaçando

Ele era tão triste...

Você me fala dos sensíveis e do desconcerto do mundo

São os rastros que jogas pelo caminho

As páginas em branco, o cheiro de teu prazer, a porta  
entreaberta

E você me olhando de dentro entre fuga e mergulho

*Mas...* você pensa tomando banho, você adora pensar tomando  
banho...

Love will tear us apart...



*Já despedacei, mergulhei abismos, me feri profundo*

Solve et Coagula

Vou tatuar na minha pele

Solve et Coagula

É já despedacei também,

Mas não tenho mais falta pra preencher com pedaços

Escuto Caetano,

Apenas te peço que aceite o meu estranho amor

*Mas você não vê, já aceitei*

É o eco de sua voz na minha cabeça

Solve et Coagula

A tatuagem com um Becker, o fogo azul, o pássaro alquímico

E o zodíaco... tudo

Solve et Coagula

O poema de ontem, me amanheceu

Tuas imprecisões me atingem de forma tão exata

alessandre de lia

Praia de Cotovelo, 25 de março de 2020.

Do livro a\_mar.



*rodriguez cortes*





Fugir dos desastres

Virar Sereia

Te sequestrar

Morrer com você

No fundo do mar.

**LETRUX**



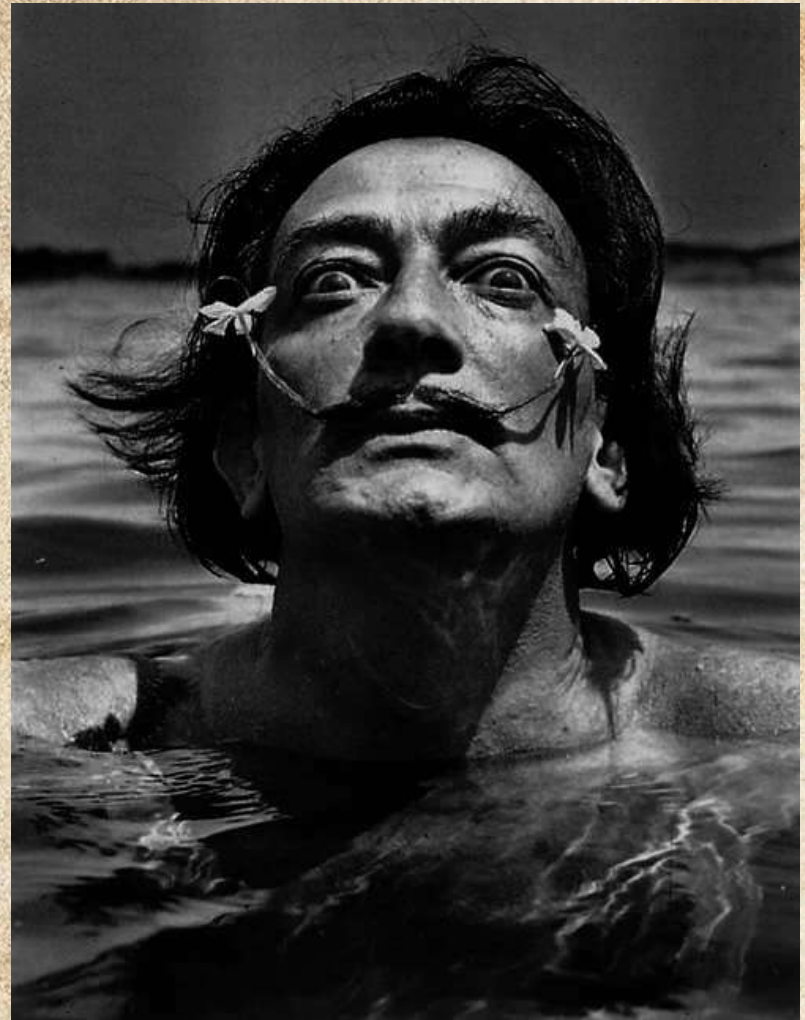
<https://gylferrera.wordpress.com/2014/12/01/uma-pequena-historia/>





RENÉ MAGRITTE





Reprodução da internet - Foto divulgação





Reprodução da internet - Foto divulgação



Só há uma diferença entre o louco e eu.

O louco pensa que é sábio. E eu sei que sou louco.

**SALVADOR DALI**





Reprodução da internet - Foto divulgação





Reprodução da internet - Foto divulgação

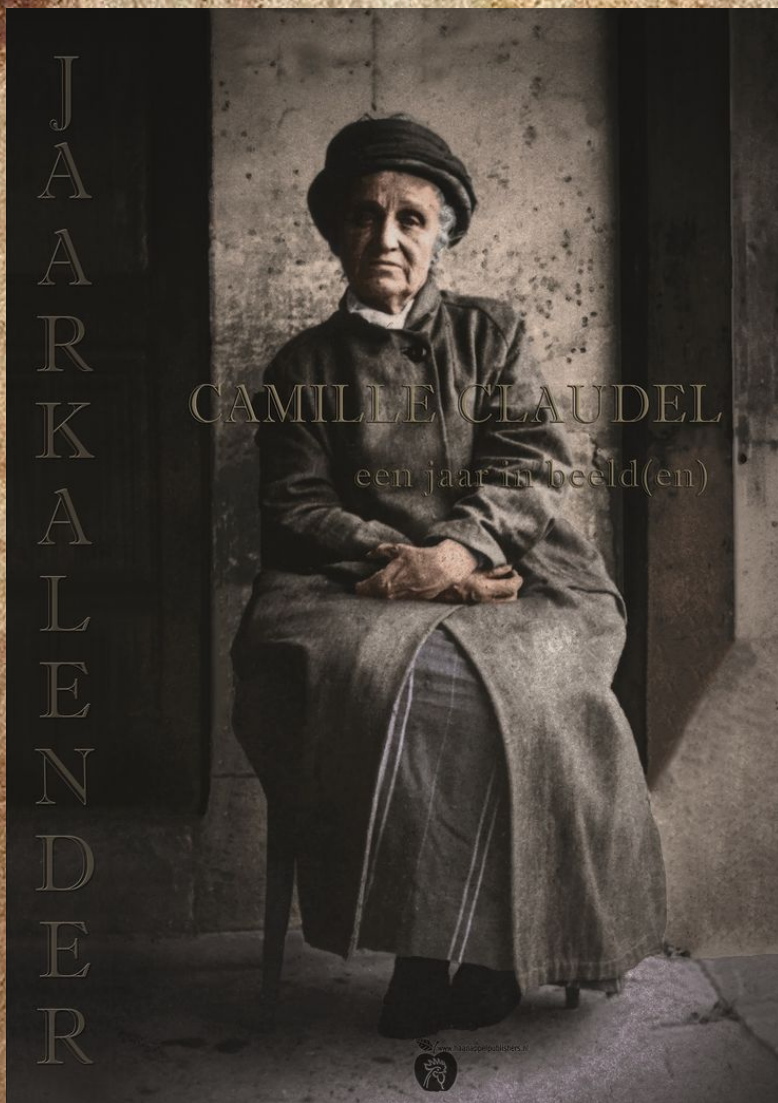


CAMILLE CLAUDEL









“Tem Sempre presente, que a pele se enrugam, que o cabelo se torna branco, que os dias se convertem em anos, mas o mais importante não muda! Tua força interior e tuas convicções não tem idade. Atrás de cada linha de chegada, há uma partida. Atrás de cada trunfo há outro desafio”.

Enquanto ....”



## deriva

Ismália na torre de si  
juízo pedindo menos...

da janela pressinto luz opaca  
sussurros encruados nas costas

és gaveta emperrada no  
armário de sonhos vencidos

a palavra *lúci(d)a* esgarçada  
numa conta em aberto  
redemoinhos de ecos  
forram as paredes da casa

és corpo vergando incertezas  
em frente ao edifício putrefato  
numa rua antiga e sem saída

madrugal em câmera lenta:  
tu, em trajes de pele,  
a despachar o lixo infinito  
de cronogramas frustrados

nudez, singular visagem  
lâmparina fosca borrando a noite  
és nevoeiro que não dissipa

[Daniela Galdino]



Foto: Ana Lee





Ilustração: André Dias - Fonte: Auria Rafael

"Não me incomodo muito com o Hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades da minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio."

LIMA BARRETO









Reprodução da internet - Foto divulgação





## Notas de um diálogo

Mauricio Braga

Desculpe o atraso. Tive que levar o Oito-e-meia ao veterinário. Ele vomitou sangue de novo. Vai ficar internado por duas semanas. Vou gastar uma fortuna com a internação e os remédios. Mas fazer o quê? Não posso sacrificá-lo. Tenho pena.

Sabe o que eu deveria fazer? Deveria simplesmente pegar outro gato. Afinal, tem vários na rua; dá até para escolher a cor dos olhos e pelo, tamanho, idade...

Mas sei lá... minha relação com o Oito-e-meia é diferente. Ele gosta do que eu escrevo. Sempre escuta atento quando leio meus textos madrugada adentro.

Por falar nisso, tenho um conto novo. Você vai gostar, mestre. Vou lê-lo pra você, do jeito que eu leio para o Oito-e-meia.

\*\*\*

Comecei a ler para o mestre. Era mais uma tentativa de fazer um conto sem enredo. Somente uma sucessão de imagens, que, justapostas, possibilitam leituras. Algo análogo a uma montagem cinematográfica.

Em alguns momentos eu abolia todas as vírgulas em um fluxo discursivo da mesma forma que abolia clímax desfecho e tudo aquilo

que os medíocres aprendem em oficinazinhas de escrita criativa onde só ensinam a padronizar a linguagem como se fosse possível formar escritores com um monte de fórmulas em uma cartilha para que os idiotas fiquem fazendo poses com dedinho levantado e textinho em facebook pra gerar curtidas e compartilhamentos e comentários e babação de ovo.

Ao contrário deles, eu busco a lacuna e o contraditório. Eu busco o silêncio. O silêncio é tão importante quanto a palavra. Isso que os caras do rap não compreendem. A poesia não está na verborragia; a poesia está na lacuna. Eu procuro preencher todo o papel com silêncio. Papel? Que besteira eu falei! Não existe mais papel. Agora só existe tela. Faço tudo por meio dela. Leio pela tela, escrevo pela tela, almoço pela tela, dou meu rabo pela tela, saio de casa pela tela, sinto emoções pela tela, etc. Então seria melhor ter dito: procuro preencher a tela com silêncio. O mestre é silencioso. E, por isso, ele é fundamental para minha formação.

Quando terminei o conto abruptamente, o mestre permaneceu em silêncio. Ficou calado o tempo todo; antes, durante e depois da leitura. Com o ouvido atento que um bom leitor deve ter.

O mestre é silencioso, mas nem sempre foi assim.

Quando nos conhecemos, o mestre fazia longos discursos. Naquele tempo ainda andávamos pela cidade, sempre ao fim da tarde, quando o calor dá uma trégua. Ele discorria sobre qualquer coisa



demoradamente e nossas conversas eram na verdade monólogos, em que eu era mero espectador.

Com o passar do tempo, esses monólogos foram diminuindo. Gra-da-ti-va-men-te. Foi quando comecei a fazer intervenções, a fim de instigá-lo a não parar de falar. O silêncio ainda me era desconfortável.

Depois o mestre passou a se limitar às frases essenciais, que, por vezes, vinham desconexas. Paramos de caminhar e todos os dias eu ia a sua casa, depois da faculdade, conversar. Conversar com ele, nessa época, era como estar em uma peça de Beckett.

As frases vinham cada vez menores. Aplicadas à conta-gotas, em doses homeopáticas.

Depois, o mestre começou a repetir apenas uma palavra. Inúmeras vezes, até descolar significante e significado.

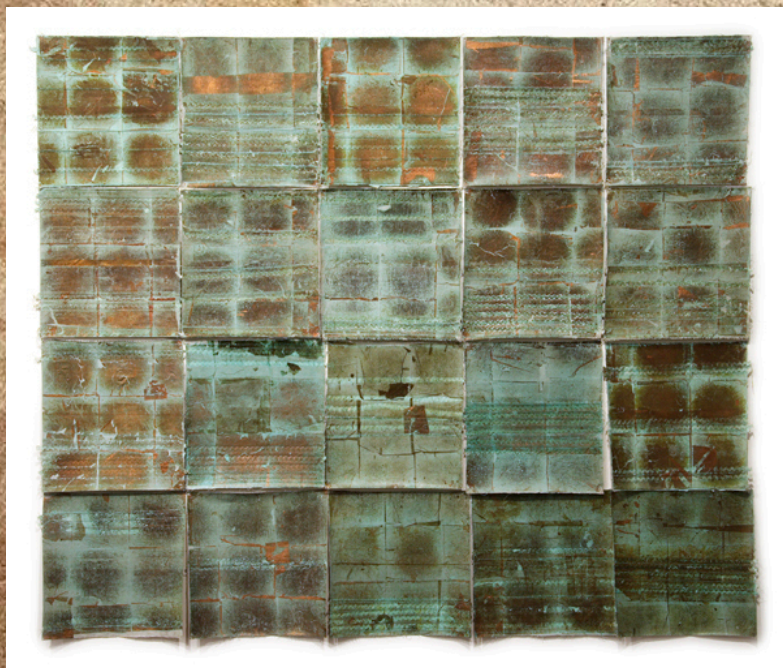
Por fim, emudeceu de vez.

Agora eu o encaro. Toda sua postura indica abandono. Quanto mais olho, menos vejo. É o silêncio nos ronda. O mestre é toda resistência na sua recusa em ser um escritor- atração. Agora que está morto sua presença fica mais intensa. Sim, o mestre está morto. Eu o matei.

---

Mauricio Nascimento Braga nasceu em Manaus, a 26 de março de 1996. É graduado em Letras (Língua portuguesa) pela *Universidade do Estado do Amazonas* (UEA). Mestrando no *programa de pós-graduação em Letras e artes* (PPGLA) pela mesma universidade. Professor na *SEDUC- AM*. Escreve contos e ensaios. Publica seus textos de forma independente, à margem do mercado editorial, em livretos e no blog *Base Mao*. E-mail: mauricio96braga@gmail.com





**LENA BERGSTEIN**  
**contos africanos**



## Zé

“Quero ser gente, o que nunca fui” balançando a tristeza para a rua, agricultor sem terra falava. Mendigo da Casa Recomeço, Louco da Vida, Carente da Pobreza, Miserável Feliz: chama-se. São Pedinte, Necessitado, Que Seu Poder Política Detém. Zé, quando lembra a mãe, nutrida de emagrecimento, emociona-se, faz olhos se molharem. Necessitado e os irmãos nasceram no viaduto, no grito e na sujeira, onde dinheiro não circula, nem água para se lavar o nascimento dos seis filhos perdidos. Tutelado, Louco da Vida conheceu sua mãe pela fotografia: preta com lábios vermelhos, cinza de olhos e cabelos crespos soltos, dentes extraídos por crack. Foi estuprada pelo tio, adolescente, abandonou família das mulheres espancadas, nascendo filhos na rua sem cobertura de assistência, fugia do abrigo para rua do hospício vestindo encenqueira-amuleto. “Miserável são vocês que lutam contra a pobreza”, escreve Zé nos muros e viadutos da cidade; “temem combater a riqueza, temem o lado poderoso da pobreza, matam pessoas vivas”, dizia para a rua. O Louco já sonhou ter sua própria casa e abandonar, esquecer as origens, a vontade de controlar e o que condena a mente: “cabecinhas e linguinhas”. Na rua as

políticas falham, falta comunicação entre educação e saúde, cultura anda consigo mesma, cada um com seu lado social. Dinheiro cria crises de loucura, homem nunca superado, o apego em ser normal, pessoa estreita. O Carente da Pobreza ensinava-me: loucos são vários, condicionados num só lugar da pessoa, há os que assimilam ser autoritários de si, com ruídos da cultura e das escolas militarizadas. Loucura de Zé está nos pés, caminham sem calçado para pensar com terra. No hospício da rua há também crianças, aprendem cedo a colher moedas como adultos, andam com cola na boca e no nariz, cheirando, alucinam-se, esquecem a pobreza. São menores com habilidades vivas, dizem “espantar fome” cola de sapateiro, cria círculo de vivos adoecidos entre recaída e envolvimento. Crianças murcham da educação desnutrida, mas aprendem com Zé onde os velhos não querem olhar, com clareza incondicional as crianças olham, sem o limite dos adultos. Onde se sobrevive há muitas profissões, publicitários fazem propaganda para a educação comercial, rápida em formar corpos. Miserável Feliz é travestilidade, põe-se acessível na rua, anda nos dois sexos, rasga papéis sociais. No hospício aberto, viadutos e ruas da cidade, cozinha e banheiro ficam no mesmo terreno, gente mastigando onde comem porcos. Um dia dois homens



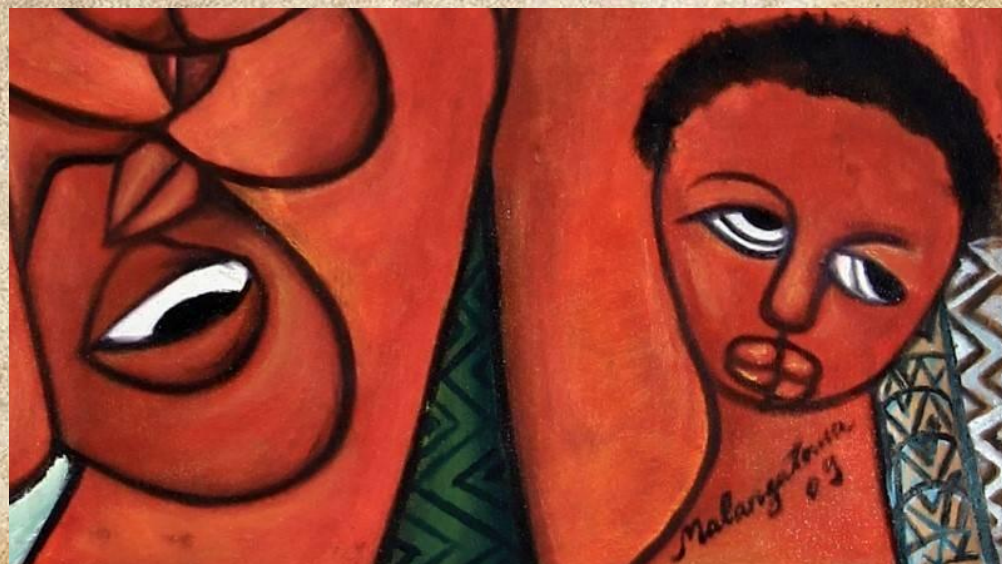
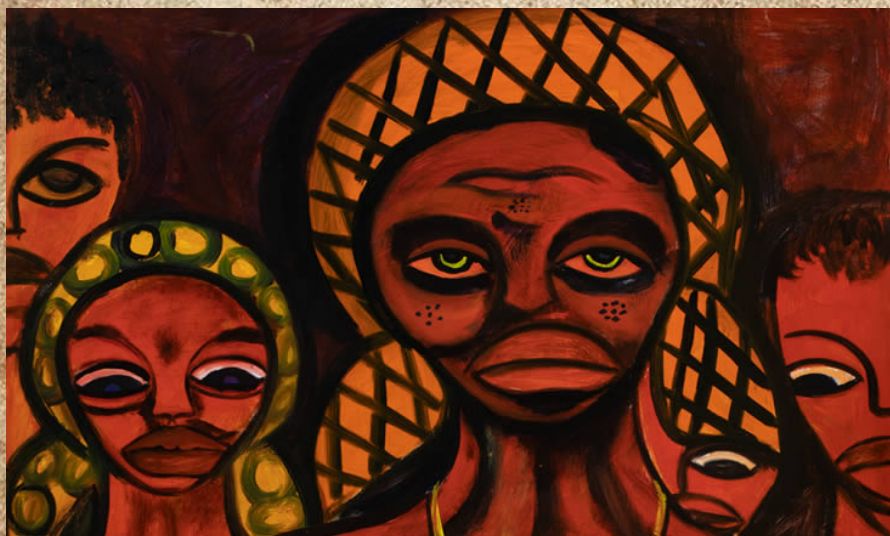
caminhavam: o louco silencioso, com pés no chão, carregava um embrulho ao cruzar com o pastor de barriga crescente, coberto de formalidade caríssima, seus pés, sem contato com o chão, revelavam a insanidade aprovada pela ignorância organizada. Zé lê pessoas, desenha mandala no chão da rua, esquece o que distingue o sentir e a falta de sentido. Loucos sóbrios enclausuram a dança, sua loucura teme sair do corpo, matam, mas defendem os seus fantasmas; o médico deles é louco como são, reverencia bastante o sangue humano. São Pedinte cantou “faz parte da nação que deve o revolto, revolução escreve-se com corpo”, e sobre a colonização das pessoas elucida: está na gentileza, arquétipo projetado que aprisiona a revolta das pessoas, enfeitiça ao reproduzir personagens religiosos e suas teorias de iluminação, vinculadas ao abandono da riqueza. Que Seu Poder Política Detém rasgou o atestado da loucura, está no limite do mendigo-maluco. Religião da política e política da religião abusam da vontade da pobreza e da loucura. A última vez que vi Zé foi na “Grande Pandemia”, 2020, na frente dele havia muita gente na fila do banco, auxiliando morte protegida por máscaras. Era o único que dançava diante do povo que teme morrer, já morrendo. Zé dançava o Tambor do Panelaço, angústia contra o “grande ator da incapacidade”.

Sua dança atravessou covas previstas, conversando com tudo que não fala, andava entusiasmado sem vibrar na armadilha da pobreza, movendo-se sem nenhuma proteção.

Manuel Cástomo Mussundza

[Escritor moçambicano]





Reprodução da internet - Foto divulgação

## MALANGATANA



## **AUTOFAGISMO**

**Eu não tenho a cura.**

**Como um doente mental,**

**fico o dia todo a ler a mesma coisa**

**no mesmo poema,**

**sem me cansar.**

**Eu não tenho a cura.**

**Como os que ficam ao espelho o dia todo,**

**encontrando beleza em cada fio de cabelo,**

**em cada regato invisível no lábio, no olho e na  
face,**

**fico o dia todo a ler a mesma coisa**

**na mesma estrofe de minha autoria.**

**Eu não tenho a cura.**

**Fico o dia todo,**

**como os que consomem a hora toda a pele  
bucal,**

**como os que roem as unhas até à pele,**

**como um narcisista sem autodomínio,**

**fico o dia todo preso a um verso.**

**Eu não tenho a cura.**

**Mas, na autofagia da solidez da minha impoética  
encontro a droga para acalantar a raiz da minha  
loucura.**

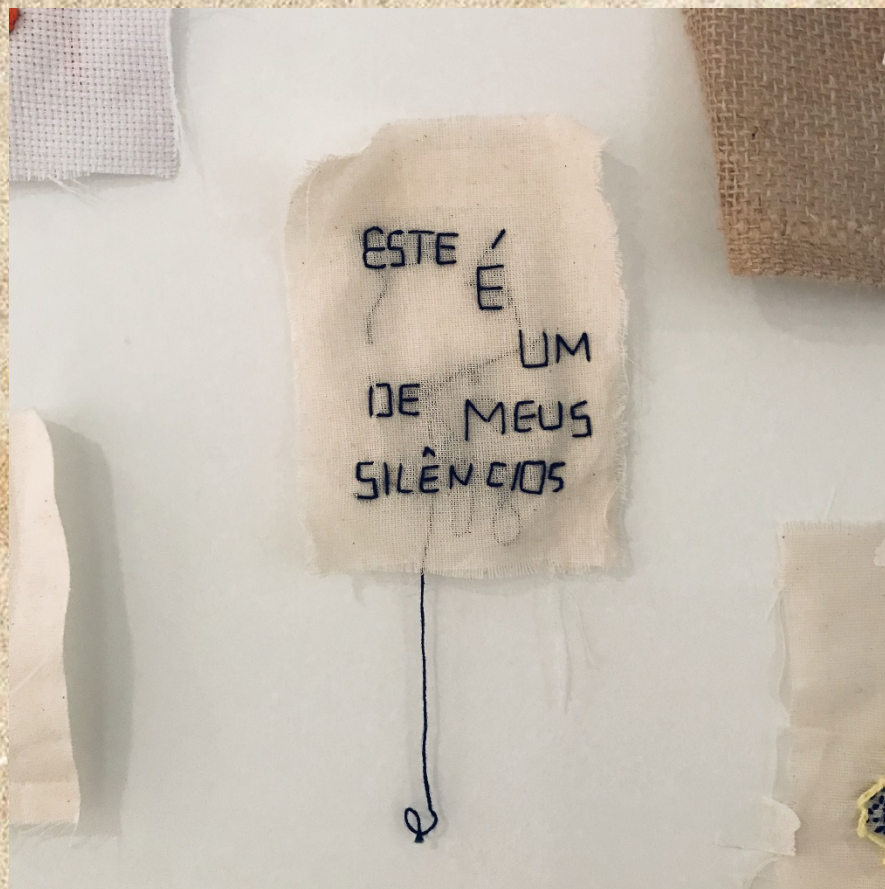
**MUDUNGAZI** [Poeta Moçambicano]





Reprodução da internet - Foto divulgação

LEONILSON





Cris

o salitre comia

todas as paredes verde barato

ficavam brancas de salitre

Comia feito peão comendo feijão

Comia feito o cupim que comia a linha

Comia feito porrada de peão

na sua cara

nos seus dentes

Enquanto o salitre comia a parede

ele te comia com porradas

you era comida pelo seu coração

que comia sem previsão de acabar

Um dia ele comeu e foi embora

Seu coração te comeu

Você deu de comer a sua filha

Enquanto ela comia

amarrou o fio que te comeria

O peão comeu o feijão

O cupim comeu a linha

O salitre as paredes

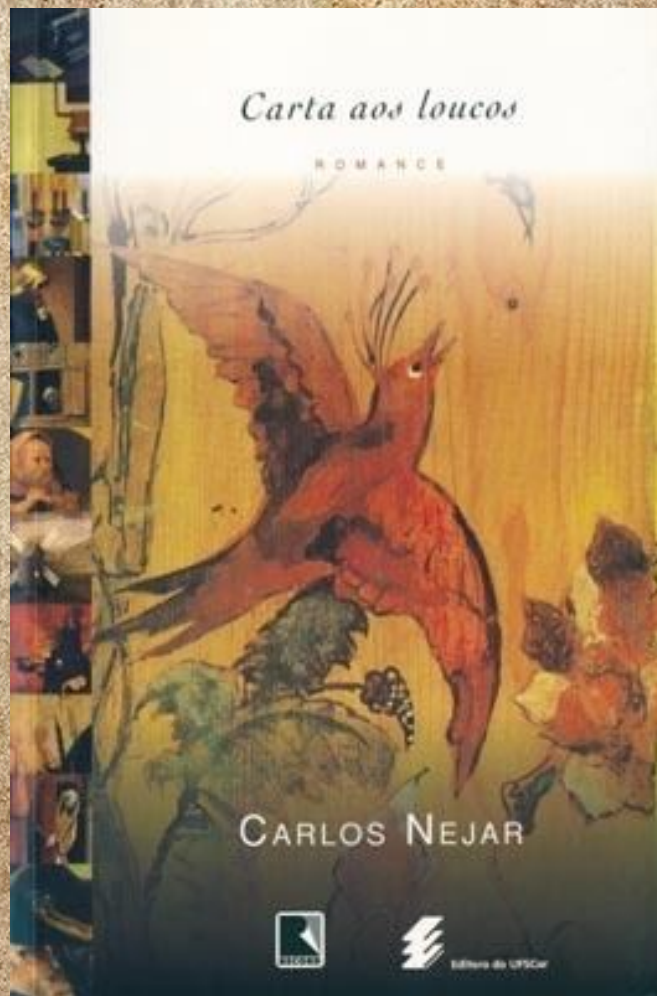
Seu coração te comeu

E o fio também.

Felipi Faria

[Cozinha Poemas & Epifanias]





O Homem e as Coisas *Phu* *Evangelos*  
*Carvalho -*  
*com a admiração*  
*do*  
*Carlos Nejar*

As coisas não se submetem  
a nossa vestidura ;  
na máscara que somos  
as coisas nos conjuram.

Por que não escutá-las,  
tão safas e puras,  
como flôres ou larvas,  
estranhas criaturas ?

Por que desprezá-las  
no sopro que as transmuda,  
com os olhos de favas,  
fechados na escurura ?

Por que não escutá-las  
na linguagem mais dura,  
comprimidas as asas  
na testa que as vincula ?

Recônditas e escravas  
na cava da palavra,  
são fiandeiras escuras  
ou áspides sequiosas.

Despimos a armadura  
e a viseira diurna;  
a linguagem resvala,  
onde as coisas se apuram.

Se cantam são abelhas,  
se calam, cigarras ;  
o homem se deságua  
ao tentar violá-las.



vivendo

viver  
é ganhar tempo

tempo  
é tudo que somos

somos  
o tempo que temos

o tempo que demos  
o tempo que ganhamos

somos  
até deixar de sermos

quando enfim  
morrermos

mas até lá

viver  
é ganhar tempo

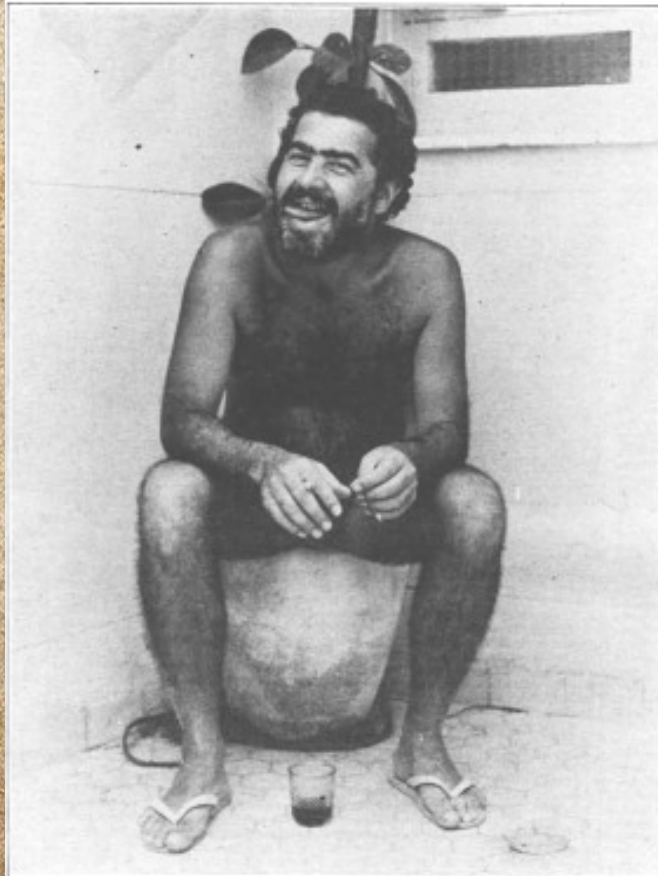
porque tempo  
é tudo que somos

e tempo  
é tudo que temos

ou não temos

[andré telles do rosário]







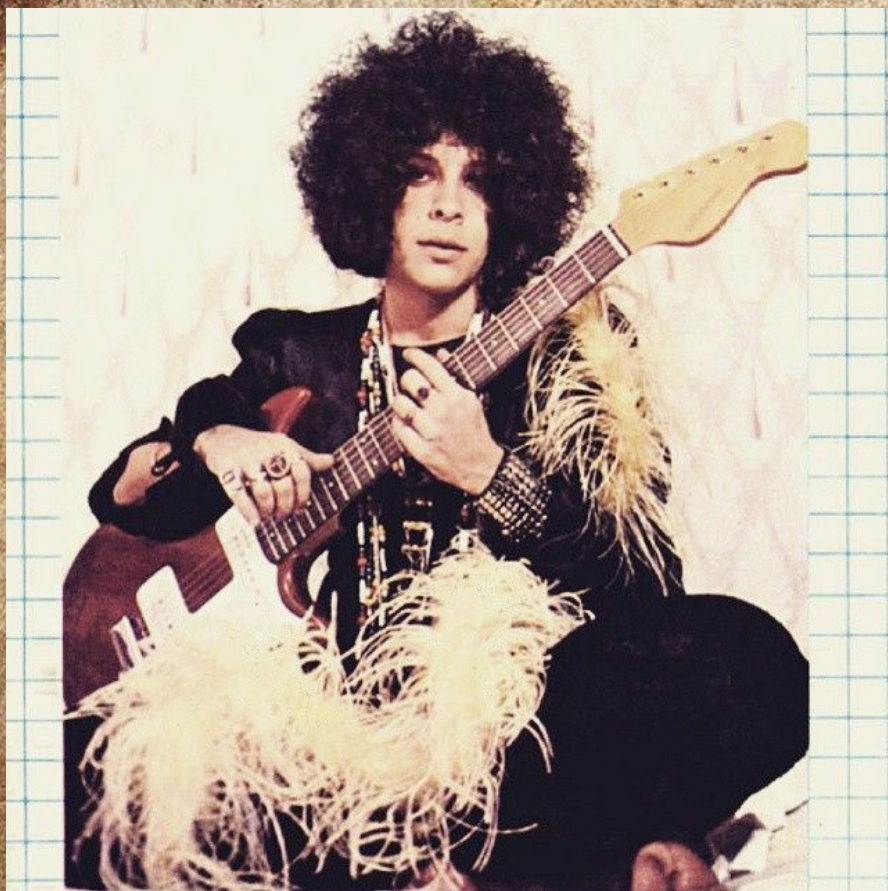


Reprodução da internet - Foto divulgação



Castro Conrath





Reprodução da internet - Foto divulgação

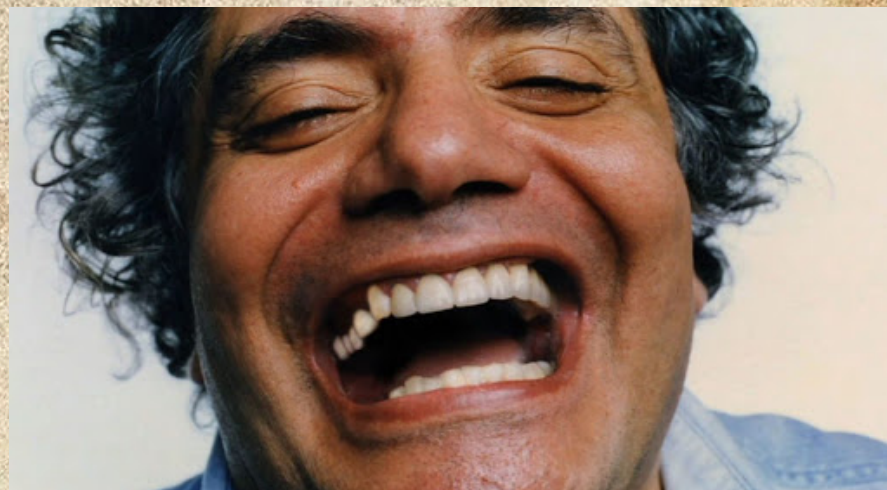
*A memória é uma ilha de edição*





"mas por enquanto  
gargalhar da  
irrealidade da  
morte.  
Gozar, gozar e  
gozar  
a exuberância órfica  
das coisas  
em riba da terra  
debaixo  
do  
céu."

(Walcy Salomão)



Reprodução da internet - Foto divulgação



já não me habita mais nenhuma utopia,  
animal em extinção,  
quero praticar poesia  
-a menos culpada de todas as ocupações

Wally Salomão



Morais Moreira, Leminski e Wally Salomão



## NA ESTRADA PARA JOÃO PESSOA

*Para Gilvando Alves de Oliveira*

As cidades adjuntas, parceiras e a placa quebrada que denuncia os limites entre os dois lugares. Reclame inútil para nós, também parceiros, que já grafitamos as beiras da estrada com palavras adâmicas contra a bestialidade, a caretice e a segregação. Os romeu e julieta os treminhões da cana doce cortavam a cabeça da gente, espatifava. A cabeça ia para as nuvens nuvens do céu e o jorro do ardor da cana em nosso jeito de levar a vida.

Cantávamos Augusto.

Parece muito doce aquela cana, descasco-a, provo-a, chupo-a.

Ilusão, ilusão.

O amor, poetas, é como a cana azeda, a toda a boca que o não prova engana.

Até Mamanguape anunciar a cidade linda,  
Onde tínhamos ido estudar literatura.

HENRIQUE DE SOUSA





Reprodução da internet - Foto divulgação

”

*Dizem que sou louco  
por pensar assim,  
mas louco é quem me diz  
que não é feliz  
Eu sou feliz*

”

Os Mutantes





Reprodução da internet - Foto divulgação

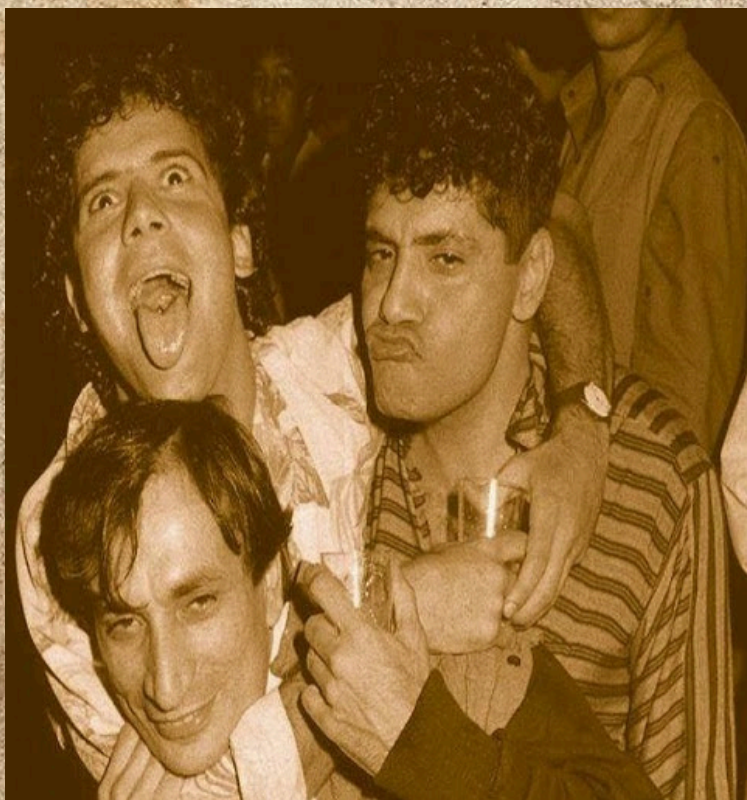






Reprodução da internet - Foto divulgação





Cazuza, Antônio Cícero e Wally Salomão

**TÔ CANSADO**  
**DE TANTA CARETICE**  
**DE TANTA BABAQUICE**  
**DESTA ETERNA FALTA**  
**DO QUE FALAR.**

**CAZUZA**



**VIDA LOUCA**  
*Vida*  
**VIDA BREVE**

**JÁ QUE EU NÃO POSSO TE LEVAR,**

**QUERO QUE VOCÊ ME LEVE**

*Cazuisa*







Foto divulgação - Memorial Chico Science

“Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forjados para acontecer. Deixar que os olhos vejam pequenos detalhes lentamente. Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes, como móveis inofensivos, pra lhe servir quando for preciso, e nunca lhe causar danos morais, físicos ou psicológicos”.



<http://www.overmundo.com.br/overblog/rompendo-as-fronteiras-dos-jardins-da-razao>

CHICO SCIENCE



## BATE A POEIRA

### KAROL CONKA



Reprodução da internet - Foto divulgação

Os perturbados se prevalecem  
Enquanto atingidos adoecem  
Palavras soltas que aborrecem  
Esperança depois de uma prece  
Um povo com crise de abstinência  
Procura explicação pra existência  
Num mundo onde dão mais valor pra aparência  
Tem sua consequência

Negro, branco, rico, pobre  
O sangue é da mesma cor  
Somos todos iguais  
Sentimos calor, alegria e dor  
Krishna, Buda, Jesus, Alá  
Speed Black profetizou  
Nosso Deus é um só  
Vários nomes pro mesmo criador  
Pouco me importa sua etnia  
Religião, crença, filosofia  
Absorvendo sabedoria  
Desenvolvendo meu dia-a-dia



Nesse mundo poucas coisas são certas  
Amor, sorte, morte, a vida que se leva  
Do sul para o norte, da Ásia à América  
Se errar é humano o erro te liberta  
Seja o que tiver que ser, seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que tiver que

O preconceito velado  
Tem o mesmo efeito, mesmo estrago  
Raciocínio afetado  
Falar uma coisa e ficar do outro lado  
Se o tempo é rei vamos esperar a lei  
Tudo que já passei nunca me intimidei  
Já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei  
Tentaram me sufocar mas eu respirei  
Há tanta gente infeliz  
Com vergonha da beleza natural  
É só mais um aprendiz  
Que se esconde atrás de uma vida virtual  
Gorda, preta, loira o que tiver que ser  
Magra, santa, doida somos a força e o poder  
Basta, chega, bora, levanta a cabeça e vê  
Vem cá, viva, sinta, o que quiser você pode ser

Nesse mundo poucas coisas são certas  
Amor, sorte, morte, a vida que se leva

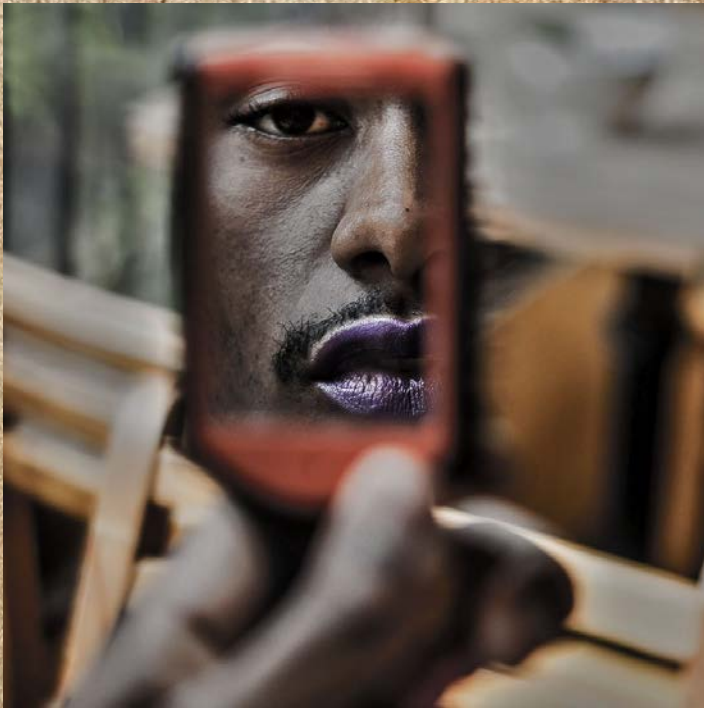
Do sul para o norte, da Ásia à América  
Se errar é humano, o erro te liberta

Seja o que tiver que ser, seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que quiser ser  
Bate a poeira, bate a poeira, bate a poeira  
Seja o que tiver que



Carlos Sales / Divulgação





(Foto: Lilo Clareto)

## NÃO RECOMENDADO

Uma foto uma foto  
Estampada numa grande avenida  
Uma foto uma foto  
Publicada no jornal pela manhã

Uma foto uma foto  
Na denúncia de perigo na televisão

A placa de censura no meu rosto diz  
Não recomendado a sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz  
Não recomendado a sociedade

Perverso, mal-amado, menino malvado, muito cuidado!  
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado!

A placa de censura no meu rosto diz  
Não recomendado a sociedade  
A tarja de conforto no meu corpo diz  
Não recomendado a sociedade

Não olhe nos seus olhos  
Não creia no seu coração  
Não beba do seu copo  
Não tenha compaixão  
Diga não à aberração

Liniker





Reprodução da internet - Foto divulgação

## MISS BELEZA UNIVERSAL

Mode on high tech Modelo  
ocidental  
Magra, clara e alta  
Miss beleza universal  
É ditadura!  
Quanta opressão  
Não basta ser mulher Tem  
que tá dentro do



Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza

Mode on high tech  
Modelo ocidental  
Magra, clara e alta  
Miss beleza universal  
É ditadura!

Quanta opressão  
Não basta ser mulher  
Tem que tá dentro do padrão Foda-  
se o padrão!

Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza, patriarcado passa mal  
Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza, patriarcado passa mal

Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza, até o patriarcado cair

As grades do sistema que me prendem,  
limitam esse espaço dessa ordem e progresso Numa  
nacionalidade mista, Chico Science me diria onde  
se afoga, a democracia

A democracia é ditadura disfarçada  
A democracia

A queda da hierarquia é anarquia  
Finda-se o governo, fode o capital  
É pouco fomento pra tanta burocracia  
Escravos de nós mesmos e o que podemos comprar,  
pagar

Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza  
Miss beleza, miss beleza universal  
Miss beleza

BIA FERREIRA



mercado mandou

-----  
o jair calar a boca e parar de aparecer  
o ministério da saúde esconder os números da pandemia  
o dólar caiu a bolsa subiu  
para o mercado, bom mesmo é o centrão  
junho é o mês da retomada do mais do mesmo  
nos eeuu, trump mascarar o número de desempregados  
a bolsa sobe.  
os investidores, coitados, só sabem investir,  
o mercado não está acostumado a ouvir "não pode".  
para ele, o novo normal é o velho normal de máscara

RICARDO CHACAL – POETA









